

# **CARTILHA DA NATUREZA**

**FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER**  
Ditado pelo Espíritos  
Casemiro Cunha

**INDICE**

## CARTILHA DA NATUREZA

A Grande Fazenda	A Poda	O Pântano
A Água	A Pomba	O Pão
A Aranha	A Ponte	O Poço
A Boa Árvore	A Porteira	O Poste
A Boneca	A Praia	O Prato
A Bússola	A Refeição	O Regador
A Caçarola	A Semente	O Remédio
A Cachoeira	A Terra E O Lavrador	O Ribeiro
A Candeia	A Tempestade	O Silêncio
A Canga	A Usina	O Sol
A Cangalha	A Vidraça	O Tijolo
A Capa	A Visita	O Tronco E A Fonte
A Capina	O Açude	O Vau
A Carpintaria	O Aguilhão	O Vento
A Cerca	O Andaime	O Vôo
A Chuva	O Banho	Os Animais
A Construção	O Barricacho	Os Caminhos
A Cova	O Barro E O Oleiro	
A Derrubada	O Botão	
A Enchente	O Cajado	
A Enxada	O Campo E O Jardim	
A Erosão	O Carro	
A Faxina	O Cemitério	
A Fazenda	O Cipó	
A Ferramenta	O Cupim	
A Lã	O Despertador	
A Faca	O Dia	
A Flor	O Diamante	
A Lagarta	O Esterco	
A Lâmpada	O Faroleiro	
A Lavoura	O Fio	
A Lenha	O Grande Rio	
A Mesa	O Incêndio	
A Mina	O Lixo	
A Montanha	O Luar	
A Muda	O Malhadouro	
A Noite	O Mapa	
A Nuvem	O Mar	
A Pedra	O Mármore	
A Perola	O Milharal	
A Picareta	O Oásis	
A Plantação	O Orvalho	

**A GRANDE FAZENDA**

*"E ele repartiu por eles a fazenda."  
JESUS-LUCAS, 15:12*

A natureza é a fazenda vasta que o Pai entregou a todas as criaturas. Cada pormenor do valioso patrimônio apresenta significação particular. A árvore, o caminho, a nuvem, o pó, o rio, revelam mensagens silenciosas e especiais.

É preciso, contudo, que o homem aprenda a recolher-se para escutar as grandes vozes que lhe falam ao coração.

A Natureza é sempre o celeiro abençoado de lições maternais. Em seus círculos de serviço, coisa alguma permanece sem propósito, sem finalidade justa.

Eis a razão pela qual o trabalho de Casimiro Cunha se evidencia com singular importância. O coração vibrátil e a sensibilidade apurada conchegaram-se a Jesus, para trazer aos ouvidos dos companheiros encarnados algumas notas da universal sinfonia.

Esta cartilha amorosa relaciona, em rimas singelas, alguns cânticos da fazenda divina que o Pai nos confiou. Envolvendo expressões na luz infinita do Mestre, Casimiro dá notícias das coisas simples, cheias de ensino transcendental. No relatório musicado de sua alma sensível, o milharal, o pântano, a árvore, o ribeiro, o malhadouro, dizem alguma coisa de sua maravilhosa destinação, revelando sugestões de beleza sublime. É o ensino espontâneo dos elementos, o alvitre das paisagens que o hábito vulgarizou, mas se conservam repletas de lições sempre novas.

O trabalho valioso do poeta cristão dispensa comentários e considerações.

Entregando-o, pois, ao leitor amigo, não temos outro objetivo senão lembrar a fazenda preciosa que se encontra em nossas mãos.

A Natureza é o livro de páginas vivas e eternas.

Em abrindo a cartilha afetuosa de Casimiro, recordemos Aquele que veio a Terra, começando pela manjedoura; que recebeu pastores e animais como visita primeira; que foi anunciado por uma estrela brilhante; que ensinou sobre as águas, orou sobre os montes, escreveu na terra, transformou a água simples em vinho do júbilo familiar; que aceitou a cooperação de um burrico para receber homenagens do mundo; que meditou num horto, agonizou numa colina pedregosa, partiu em busca do Pai através dos braços de um lenho ríspido e ressuscitou num jardim.

Relembremos semelhantes ensinamentos e recebamos a fazenda do Senhor, não como o filho pródigo que lhe desbaratou os bens, mas como filhos previdentes que procuram aprender sempre, enriquecendo-se de tesouros imortais.

Pedro Leopoldo, 20 de Maio de 1943.

## **A ÁGUA**

Água santa, benção pura  
Das bênçãos celestiais,  
Que o Senhor te multiplique  
Os doces mananciais.

Água que lavas o corpo  
De todas as criaturas,  
És a fonte de bondade  
Que dimana das alturas.

Sangue vivo do planeta,  
Na forma que aperfeiçoa,  
Nos campos do mundo inteiro  
Toda a terra te abençoa.

O teu impulso amoroso  
É vida, perfume, essência,  
És em todos os recantos,  
Mãe das forças da existência.

Por ti, há pomares fartos,  
Doçuras no lar que abriga,  
Ventos frescos no deserto,  
Orvalho na noite amiga.

Água tranqüila e bondosa  
Que acaricia o sedento,  
Lavas manchas, lavas sombras,  
Desde o solo ao firmamento.

Aclaras a imensidade,  
Na borrasca, no escarcéu,  
Circulas em toda a terra,  
Depois de voltar ao céu.

Água santa, irmã da paz,  
Da abundância, da limpeza,  
Garantes o dom da vida  
Nas luzes da Natureza.

Doce bem da Divindade  
Que envolve os lares e os ninhos,  
És a terna mensageira  
Do amor de Deus nos caminhos.

Em todo o lugar do mundo,  
Haja paz, haja discórdia,  
És a benção paternal  
Da Eterna Misericórdia.

## A ARANHA

Geralmente, em toda parte,

**Casimiro Cunha**

No ângulo mais sombrio  
Dos recantos desprezados,  
Vem a aranha e tece o fio.

Escura, silenciosa,  
Atendendo ao próprio instinto,  
Seja dia, seja noite,  
Vai fazendo o labirinto.

Por manter o enorme enredo,  
Insiste e nunca esmorece,  
Condenar-se por si mesma  
É seu único interesse.

Desdobrando movimentos  
Nos impulsos insensatos,  
Pratica perseguições,  
Multiplica assassinatos.

Insetos despreocupados,  
Na ilusão cariciosa,  
Transformam-se em prisioneiros  
Da pequena criminosa.

Satisfeita, a aranha escura.  
Prosegue na horrenda lida,  
Nos venenos que segrega  
Traz a morte e suga a vida.

Mas um dia, o espanador,  
Na luta material,  
Vem e arranca essa infeliz  
Das teias de horror do mal.

A aranha, porém, não cede,  
Com teimosia e com arte,  
Foge ao bem que se lhe fez,  
E vai tecer noutra parte.

Quem medita na conduta  
Dessa aranha renitente,  
Encontra a cópia fiel  
Da vida de muita gente.

A muitos presos do engano,  
Deus envia a dor e as provas;  
Mas, depois de liberdade,  
Vão prender-se em redes novas.

## A BOA ÁRVORE

Casimiro Cunha

Nos quadros vivos da Terra,  
Desde a sua formação,  
A árvore generosa  
É imagem da Criação.

É a vida em Deus que nos ama,  
Que nos protege e nos cria,  
Que fez a bênção da noite,  
E a bênção da luz do dia.

Seus ramos são como a infância,  
As flores, a adolescência,  
Seu fruto, a velhice amiga  
Repleta de experiência.

Seu trono transforma sempre  
Toda a lama da raiz,  
No pomo caricioso,  
Alegre, doce e feliz.

As sementes que renascem,  
Com método e perfeição,  
São nossas almas na lei  
De vida e reencarnação.

Silenciosa na estrada,  
Seu exemplo nos ensina  
A refletir sobre a Terra  
Na Providência Divina.

Se a poda foi rude e forte  
Ao rigor do braço humano,  
Sua resposta mais bela  
É mais frutos no outro ano.

Se tomba desamparada  
Ao pulso do lenhador,  
Faz-lhe a casa, dá-lhe a mesa,  
Aquece-o com mais amor.

Dá sombra a todos que passam,  
Sem jamais saber a quem,  
Colocada no caminho,  
Seu programa é sempre o bem.

\*

É santa irmã de Jesus  
Essa árvore estremecida:  
Se vive, palpita em Deus,  
Se morre, transmite a vida.

## A BONECA

Quase em todos os lugares,

**Casimiro Cunha**

Vencendo tempo e distância,  
A boneca sempre atrai  
A grande atenção da infância.

Em torno dela palpitam  
Mil castelos pequeninos;  
É a doce futilidade  
Do coração dos meninos.

Nesses campos infantis  
Há luta, rixa, esperança. . .  
É tão frívola a boneca!  
Mas faz feliz a criança.

Sabem disso os pais bondosos  
E, notando a experiência,  
Atendem aos pequeninos  
Sem recursos à violência.

Não dilatam fantasias,  
Não mentem por enganar,  
Mas se valem da boneca  
No intuito de ensinar.

Cada coisa, cada gesto,  
Da mais ínfima expressão,  
São vistos e aproveitados  
Na esfera da educação.

A boneca inanimada  
Constitui sempre o motivo,  
De lições maravilhosas,  
De trabalho evolutivo.

Há no mundo muitos homens,  
Sem propósitos do mal,  
Que guardam muitas bonecas  
Da infância espiritual.

Junto deles, não condenes,  
Não tenhas reprovação,  
Não te faças de menino,  
Jamais lhes negues a mão.

**A BÚSSOLA**

**Casemiro Cunha**

Na viagem rude e longa  
Em região solitária,  
A todos os viajores  
A bússola é necessária.

Quando a jornada é difícil,  
Aquele que a tem, de perto,  
Vai seguindo confortado  
Na bênção do rumo certo.

Sofrem ventos formidandos  
E a sombra promete a morte,  
A bússola honesta e firme  
Não perde a visão do Norte.

Muita vez, em mar revolto,  
Nas zonas desconhecidas,  
Atende, silenciosa,  
Dando fé, salvando vidas.

Tudo angústia da borrasca  
E trevas de nevoeiro,  
Mas a bússola responde  
Aos olhos do timoneiro.

De outras vezes, no deserto,  
Se palpita a inquietação,  
Traduz generosamente  
O conforto e a direção.

Em meio a vacilações,  
Significa o resumo  
De grandes consolações  
A quem ame o próprio rumo.

Tanto em água revoltada,  
Como em areia, em espinho,  
A bússola generosa  
Jamais esconde o caminho.

Nas rudes experiências  
Da romagem terrenal,  
Não se pode prescindir  
Do rumo espiritual.

\*

Se caminhas neste mundo,  
Sejas moço, sejas velho,  
Não esqueças, meu amigo,  
A bússola do Evangelho.

## A CAÇAROLA

**Casimiro Cunha**

Dos serviços da cozinha

Onde há sempre grande escola,  
Lembremos o ensinamento  
Da obscura caçarola.

Ao receber substância  
Indispensável à mesa,  
Requisita vigilância  
No que concerne à limpeza.

Utilizada em serviço,  
Embora pobre e singela,  
Pede todos os desvelos  
Das mãos que se servem dela.

Por limpá-la, muitas vezes  
É justa a grande atenção;  
Largos banhos d'água pura,  
Doses fortes de sabão.

Se não bastam tais processos,  
Um esforço mais ativo:  
Recursos d'água fervente  
Misturada a corrosivo.

De outra forma é descuidar  
Da pureza do alimento,  
Entregar o pão do corpo  
Ao lixo e ao relaxamento.

A erva mais saborosa,  
O leite nevado puro,  
Na panela descuidada  
São coisas para o monturo.

Caçarola maltratada,  
Sem o concurso do asseio,  
Faz o pão envenenado,  
Escuro, amargoso e feio.

Vendo o quadro, não te esqueças  
Que os nobres ensinamentos  
São substâncias que nutrem  
A fonte dos pensamentos.

Receber lições divinas  
Sem limpar o coração,  
É transformar dons de vida  
Em sombras de confusão.

## A CACHOEIRA

Casemiro de Abreu

Quando passes meditando  
No cimo da ribanceira,  
Repara na majestade  
Que esplende na cachoeira.

É bom pensar na grandeza  
Que a sua potencia encerra;  
Na entrosagem dos elementos  
Das forças de toda a Terra.

No lugar mais solitário,  
É cântico de alegria,  
Derramando em derredor  
A abundancia de energia.

Para dar-se em benefícios,  
A sua maior ciência  
Não quer admiração,  
Pede esforço e inteligência.

Mesmo longe das cidades,  
Depois de compreendida,  
A cachoeira renova  
A expressão dos bens da vida.

Retamente aproveitada,  
É fonte de evolução,  
Movendo milhões de braços  
Nas lutas do ganha-pão.

É mãe generosa e augusta  
das fábricas de trabalho,  
Que distribui, no caminho,  
A luz, o pão, o agasalho.

E aprendemos na lição,  
Quando a vemos, face a face,  
Que a água buscou um abismo  
Por onde se despenhasse.

Nesse símbolo profundo,  
De grandeza e dinamismo,  
Vemos nós o amor de Deus  
E a extensão do nosso abismo.

Nós somos o sorvedouro  
De misérias e discórdia;  
Deus é a eterna cachoeira  
De luz e misericórdia.

## A CANDEIA

**Casimiro Cunha**

A sombra desce de manso,  
O silêncio volve aos ninhos,  
É a noite cariciosa  
Que se estende nos caminhos.

Na casa pequena e simples  
Que é refúgio da pobreza,  
É mais densa a escuridão  
Que amortalha a Natureza

Mas no quadro desolado  
Perpassa a bênção do amor,  
A candeia humilde e rude  
Clareia do velador.

Na sala desguarnecida  
Da morada carinhosa,  
Sua luz mostra a beleza  
De uma estrela generosa.

Aproveita-se-lhe o encanto  
Na esfera da utilidade,  
Mas quase ninguém lhe vê  
O espírito de humildade.

Seu processo de ajudar  
Nas sombras da noite escura,  
Revela lição sublime  
Ao plano da criatura.

Por servir de fonte calma  
Ao clarão bondoso e amigo,  
Ela queima a provisão  
De tudo que tem consigo.

Consome o óleo, a torcida,  
Perde o brilho, perde a graça,  
Suporta o calor do fogo,  
Sofre o assédio da fumaça.

E Guarda, com Deus, a glória  
De haver produzido o bem,  
Sem ferir qualquer pessoa,  
Sem prejuízo a ninguém.

Quem deseje iluminar,  
Proceda como a candeia:  
A si mesmo se ilumine  
Sem reclamar luz alheia.

## A CANGA

**Casimiro Cunha**

Pleno campo, céu de anil,

Que o sol dourado ilumina,  
A primavera traz flores  
De fragrância peregrina.

Em tudo palpita o belo  
Na sublime transcendência,  
Das dádivas generosas  
Na Divina Providência.

Os bons, porém, desconhecem  
Se há mistérios da beleza  
E gastam no atrito longo  
As forças da Natureza.

Acende-se a luta enorme,  
Chifradas, golpes violentos,  
Ruído ensurdecedor,  
Pêlos rotos, pés sangrentos.

Há flores espatifadas  
Nos caminhos da abundância,  
É cegueira, dor e morte  
Em males da ignorância.

Mas, um dia, o lavrador,  
Notando a exigência ativa,  
Vendo a zona perturbada,  
Traz a canga educativa.

Os brigões acham de novo  
A paz, a harmonia, o bem.  
O sofrimento em conjunto  
É o campo que lhes convém.

Toleram-se mutuamente  
Sem rixas nem desatinos,  
E aprendem a trabalhar  
Sem desprezo aos dons divinos.

Muitas vezes também, no mundo,  
Parentesco e obrigação,  
São recursos necessários  
Às luzes da educação.

\*

Amigo, se estás na canga  
De lutas indefinidas,  
Não fujas, atende a Deus,  
Cura os males de outras vidas.

## A CANGALHA

**Casemiro Cunha**

Nos círculos de serviço,

Toda a gente que trabalha  
Nem sempre sabe entender  
A nobreza da cangalha.

Não fosse ela, entretanto,  
Que atende, promete e faz,  
E talvez o campo inteiro  
Viveria estranho à paz.

Convenhamos na prudência  
Que vem do rifão de antanho –  
Basta, às vezes, uma ovelha  
Para perder o rebanho.

O luar deseducado,  
Que a força brutal anime,  
Nunca perde ensejo ao coice  
E está sempre pronto ao crime.

Viveu ao léu, ameaçando  
A golpes de grosseria;  
Aparentando brandura,  
Transborda selvageria.

Transforma-se, comumente,  
No animal rude e vilão,  
Que se esquiva do trabalho,  
Por preguiçoso e ladrão.

Todavia, chega o instante  
Em que a cangalha, bondosa,  
Comparece orientando,  
Honesto, laboriosa.

Ligada por laço forte  
Ao amigo da indolência,  
Dá-lhe os bens da utilidade  
Em luzes de experiência.

Perguntemos a nós mesmos,  
Notando-a, modesta e bela,  
Quais os homens deste mundo  
Que podem viver sem ela.

\*

O dever, como a cangalha,  
Que tanta grandeza encerra,  
É a balança de equilíbrio  
Nas vidas de toda a Terra.

## A CAPA

Enquanto vibra o calor  
Do verão, em luz florida,  
A capa confortadora

**Casimiro Cunha**

Permanece recolhida.

Em tudo há sol claro e quente,  
Após a bênção do orvalho. . .  
Oculta-se a capa amiga  
Nas reservas de agasalhos.

Entretanto, chega um dia,  
Que surge na imensidão,  
Envolto de sombras frias  
E sopros de tempestade.

Rajadas dilacerantes  
Invadem a atmosfera,  
Não mais a carícia doce  
Das tardes de primavera.

De outras vezes, muito embora  
Cesse a grande ventania,  
Continua o inverno forte,  
Torturando noite e dia.

Ar gelado, névoas densas  
Ao longo de toda a estrada,  
Se a neve não cai do céu,  
A terra sofre a geada.

É quando a capa bondosa  
Aparece no caminho,  
Como a terna mensageira  
Do consolo e do carinho.

Requestada em toda parte,  
No tempo frio e brumoso,  
Trabalha, conforta e ajuda,  
Sem as pausas do repouso.

Assim, no inverno das dores  
Que trazem desolação,  
A crença é a capa celeste  
Que agasalha o coração.

Mas no mundo há muito crente,  
Que quando padece e chora,  
Desatende a Providência  
E atira com a capa fora.

## A CAPINA

**Casimiro Cunha**

Nos serviços de defesa  
Da semente que germina,  
Não se pode descuidar

Dos trabalhos da capina.

Em torno à planta que nasce  
No escuro lençol do chão,  
Surgem ervas venenosas  
Formando comprida esteira  
Tentando a sufocação

Crescem fortes, espontâneas,  
Nocivas e desiguais,  
Formando comprida esteira  
De grosseiras ervaçais.

Alastram-se em toda parte...  
São verduras traiçoeiras  
E, se vivem conformadas,  
Dominam a roça inteira.

Que o lavrador cuidadoso  
Jamais se esquive à atenção,  
Trazendo-lhe, decidido,  
A justa eliminação.

Ainda que mostrem flores  
Entre os ramos de alegria,  
Que todas sejam tratadas  
A lâmina da energia.

Enquanto o grão não se forme  
Para a colheita madura,  
Capine a enxada ao redor,  
Tão atenta, quão segura.

De outro modo, o mato inútil,  
Vadio, cruel, sem nome,  
Rouba grelos promissores,  
Deixando ruína e fome

Cartilha Da Natureza

Assim no mundo, igualmente,  
Quem deseje o nobre dom,  
Destrua dentro de si mesmo  
Todo impulso menos bom.

Cultiva diariamente  
A vida elevada e sã:  
Não te esqueças da capina  
Se queres fruto amanhã

## A CARPINTARIA

**Casimiro Cunha**

Nem todos identificam,  
No curso de todo o dia,

A lição maravilhosa  
Que vem da carpintaria

Madeira escura e selvagem,  
Do seio da natureza,  
Vem de longe por buscar  
A forma e a delicadeza.

Ao rumor do maquinismo  
Que se agrupa na oficina,  
O artífice representa  
A Inteligência Divina

A serra corta vibrando,  
A enxó elimina a aresta,  
O torno canta a harmonia,  
Tudo em júbilos de festa.

O esforço de seleção  
Efetua-se a capricho;  
Sujidades, excrescências,  
São matérias para o lixo.

A simples madeira bruta,  
Na grande transformação  
Brilha agora na obra prima  
De serviço e perfeição.

Todavia, para isto,  
As peças e os elementos  
Submeteram-se humildes  
À pressão dos instrumentos.

Assim também a alma humana,  
Na oficina da existência  
Precisa submeter-se  
Às plainas da experiência.

Recordemos, sobretudo,  
Com humildade e com fé,  
O Divino Carpinteiro  
Que passou por Nazaré.

\*

Busquemo-Lo nos caminhos,  
E atende, meu caro irmão:  
Se queres a Luz da Vida  
Entrega-lhe o coração.

## A CERCA

**Casemiro de Abreu**

Contempla a cerca da estrada,  
Que te serve sem jactância.

A sua atitude humilde  
É um ato de vigilância.

Seja feita de cimento  
Ou de estacadas singelas,  
Ela esclarece que a vida  
Precisa de sentinelas.

Sua lição excelente  
Não cessa de proclamar:  
Cada terreno a seu dono,  
Cada coisa em seu lugar.

É cuidadosa, é sincera,  
Dá combate à confusão,  
Fornecer norma aos serviços,  
Faz contas de divisão.

E, desse modo trabalha,  
Tecendo a paz do teu ninho.  
É a cerca que te garante  
Tanto o lar, como o caminho.

Repara que a tua vida  
É um mundo de ocupações:  
Ai de ti se desordenas  
As tuas obrigações.

Através da luta enorme  
Das dores e do destino,  
tua alma tem de passar  
Em busca do bem divino.

Certamente encontrarás  
Calúnias e tentações,  
Brutalidades, malícias,  
Serpentes, feras, ladrões.

Recorda a lição da cerca:  
A cada coisa o seu custo.  
E abre a porteira amiga,  
A tudo que seja justo.

\*

Sem isso, não é possível  
O bem de qualquer missão.  
Sem clareza na tarefa,  
Tudo é sombra e confusão.

## A CHUVA

**Casimiro Cunha**

Folhas secas. Terra ardente.

Calores. Desolação.  
Mas a chuva vem do céu  
Trazendo consolação.

Toda semente que é boa,  
Entre júbilos germina,  
É a bela fecundação  
Da natureza divina.

As árvores ganham forças,  
Alimpa-se a atmosfera,  
A verdura em toda parte  
Tem cantos da primavera.

Às cidades, como aos campos,  
Aos ninhos, à sementeira,  
O pombo níveo da paz  
Traz o ramo da oliveira.

Sopra o vento brando e amigo,  
Em vagas cariciosas,  
Levando a mensagem doce  
Que nasce do odor das rosas.

A chuva que cai do alto  
É benção que se derrama...  
Na flor é orvalho celeste,  
No pó do chão faz a lama.

Assim, também, os ensinamentos,  
Que nos dão verdade e luz,  
São a chuva generosa  
Da inspiração de Jesus.

Cai sobre todos. No amor  
É raio de perfeição,  
Mas no pó da ignorância  
É falsa compreensão.

Deus, porém, que é Pai Bondoso  
Entre as leis universais,  
Faz com que a lama produza  
Sementes, flores, trigais.

\*

Eis a razão pela qual  
Nossa indigência produz:  
Inda mesmo em nossas sombras,  
O evangelho é sempre luz.

## A CONSTRUÇÃO

**Casemiro Cunha**

O homem sensato e nobre,  
Quando faz a moradia,  
Toma alvitres à prudência,  
Conselho à sabedoria.

Primeiramente examina  
O local, a posição,  
E edifica os alicerces  
Devidos à construção.

Não se cansa de escutar  
As vozes da sensatez,  
Que sugerem vigilância  
E induzem à solidez.

Muito antes da parede,  
Da janela, do portal,  
Reflete fazendo contas  
E escolhe o material.

Raciocina por si mesmo,  
Não perde ponderações,  
E estuda todo problema  
Das suas aquisições.

Não se atira a preço baixo,  
De matéria condenada;  
A sucata não lhe serve,  
Nem madeira carunchada.

Acima de toda idéia.  
Vibra a idéia de seu lar,  
Seleciona a caráter  
Cada coisa em seu lugar.

Impõe-se nos seus desejos,  
Serenos, prudente, ativo;  
O senso da qualidade  
Garante-lhe o objetivo.

Esse homem previdente  
Dá lições a cada qual,  
Na construção do edifício  
Da vida espiritual.

\*

Escolhe teus pensamentos  
No dever que te governa.  
Idéias, palavras, atos,  
Constroem-te a casa eterna.

Raro é aquele que medita  
Contemplando a terra impura,  
No trabalho peregrino  
Da cova pequena e escura.

Assemelha-se à ferida  
Sobre a leira dadivosa,  
Indício de golpes fundos  
Da enxada laboriosa.

Mas, na essência, a cova simples,  
Singela, desconhecida,  
É o altar da Natureza,  
Celebrando a luz da vida.

É seio aberto à beleza,  
Ao bem que se perpetua,  
A existência renovada  
Que se eleva e continua.

É o sepulcro onde a semente,  
Em sombra e separação,  
Vai, morrendo, reviver  
Nas bênçãos da Criação.

E eis que a vida se elabora  
Nessa doce intimidade,  
Renovando-se aos impulsos  
De força e imortalidade.

Depois do apodrecimento,  
Germinação e esplendores,  
Verdes galhos de esperança,  
Tenros ninhos promissores.

Mais tarde, o tronco, a colheita  
Na fartura indefinida...  
Tudo, a obra generosa  
Da cova humilde e esquecida.

Esse símbolo expressivo  
Vem lembrar, à criatura,  
O campo do cemitério  
E o quadro da sepultura.

\*

Inda aí, a cova amiga  
É sempre o sublime umbral,  
Porta aberta ao crescimento  
No plano espiritual.

**COVA**

**Casimiro Cunha**

Raro é aquele que medita  
Contemplando a terra impura,  
No trabalho peregrino  
Da cova pequena e escura.

Assemelha-se à ferida  
Sobre a leira dadivosa,  
Indício de golpes fundos  
Da enxada laboriosa.

Mas, na essência, a cova simples,  
Singela, desconhecida,  
É o altar da Natureza,  
Celebrando a luz da vida.

É seio aberto à beleza,  
Ao bem que se perpetua,  
A existência renovada  
Que se eleva e continua.

É o sepulcro onde a semente,  
Em sombra e separação,  
Vai, morrendo, reviver  
Nas bênçãos da Criação.

E eis que a vida se elabora  
Nessa doce intimidade,  
Renovando-se aos impulsos  
De força e imortalidade.

Depois do apodrecimento,  
Germinação e esplendores,  
Verdes galhos de esperança,  
Tenros ninhos promissores.

Mais tarde, o tronco, a colheita  
Na fartura indefinida...  
Tudo, a obra generosa  
Da cova humilde e esquecida.

Esse símbolo expressivo  
Vem lembrar, à criatura,  
O campo do cemitério  
E o quadro da sepultura.

\*

Inda aí, a cova amiga  
É sempre o sublime umbral,  
Porta aberta ao crescimento  
No plano espiritual.

## A DERRUBADA

Casemiro Cunha

Rangem troncos seculares  
Aos golpes do lenhador.  
É o machado formidando  
No impulso renovador.

Toda a floresta se agita  
Em terríveis convulsões,  
Continua a derrubada  
Que precede as plantações.

Sol quente. Suor. Serviço.  
E as árvores vigorosas  
Estraçalham com fragor  
As frondes cariciosas.

Após o trabalho ingente,  
A invasão do fogaréu;  
Fumo espesso devorando  
A doce amplidão do céu.

Gritam aves assustadas,  
Sem ninho, sem paz, sem guia,  
Animais inferiores  
Vão fugindo em correria.

A seguir vem a coivara  
Completando a grande prova,  
É o termo da derrubada  
A favor da vida nova.

Somente aí são possíveis,  
Pasto verde e espiga loura,  
Pomares e sementeiras,  
Celeiro, casa e lavoura.

Já observastes que o homem,  
Ao longo de toda a estrada,  
Precisa também, por vezes,  
Das foices da derrubada?

É a dor proveitosa e rude,  
Surgindo em golpes violentos,  
A força que retifica  
A mata dos sentimentos.

\*

Sem trabalho não teremos,  
No caminho universal,  
Nem casa com Jesus-Cristo  
Nem pão espiritual.

## A ENCHENTE

**Casimiro Cunha**

O quadro é lindo e imponente  
Na calma da natureza,  
A massa d'água é mais bela,  
Mais suave a correnteza.

O rio enorme extravasa,  
Conquistando as cercanias,  
Encaminha-se às baixadas,  
Desce às furnas mais sombrias.

A torrente dilatada  
Estende a dominação,  
Refresca e fecunda o solo  
Nas zonas de plantação.

Mas, em haurir-lhe a grandeza,  
Os bens, a virtude, a essência,  
Precisa-se em toda parte  
Muita luta e previdência.

Aterros, diques, cuidados,  
Trabalhos e sacrifícios,  
Todo esforço é necessário  
Por colher-lhes os benefícios.

Sem isso reduz-se a enchente  
Às grandes devastações,  
Ameaças, lodo e vermes,  
Mosquitos, flagelações.

A abundância generosa  
Foi vista e considerada;  
Entretanto, a imprevidência  
Guarda a lama envenenada.

Reconhecendo a beleza  
Deste símbolo profundo,  
Podemos ver no seu quadro  
Muita gente deste mundo.

O poder, a autoridade,  
A fortuna, a inteligência,  
São enchentes dadivosas  
Da Divina Providência.

\*

Mas, se o homem não vigia,  
É várzea que inspira dó.  
A abundância não lhe deixa  
Mais que lodo, lixo e pó.

## A ENXADA

**Casemiro Cunha**

No conjunto dos trabalhos,  
A enxada pobre e esquecida  
É uma agulha generosa  
Que borda o lençol da vida.

Com desvelos carinhosos,  
Faz o berço às sementeiras,  
Protege os rebentos frágeis,  
Traçando caminho às leiras.

Essa agulha delicada,  
Vibrando de pólo a pólo,  
Aperfeiçoa a paisagem,  
Lançando mais vida ao solo.

Obediente e bondosa,  
Coopera com o lavrador,  
E onde passa costurando,  
Eis que o chão transborda em flor.

Devem-lhe muito os celeiros  
Na colheita farta, imensa,  
Mas a enxada dadivosa  
Nunca pede recompensa.

Sem prazer está nas lutas,  
Nos trabalhos naturais;  
Alguém lucra em seus esforços?  
Mais serviço e terás mais.

Não sabe se há chuvas fortes,  
Se há calor de requeimar,  
Disposta sempre ao possível,  
Tem gosto de trabalhar.

Modesta, criteriosa,  
Atende ao labor que a chama,  
Fiel ao bom lavrador,  
Executa o seu programa.

Instrumento valoroso,  
Que não trai nem esmorece,  
Exemplifica no mundo  
A humildade que obedece.

\*

Imagina a tua glória,  
Teu triunfo jamais visto,  
Quando fores boa enxada  
Nas divinas mãos do Cristo.

## A EROSÃO

**Casemiro de Abreu**

Quem busca na paz do campo  
Os bens da contemplação,  
Costuma encontrar, por vezes,  
As surpresas da erosão.

Dos cumes da paisagem,  
Eis que a visão descortina  
Horizontes luminosos  
Na vastidão peregrina!

Em torno rebentam flores  
Nas folhagens perfumosas,  
Entre as árvores e os ninhos  
Sopram brisas buliçosas.

Misturando-se , à verdura,  
Há caminhos de enxurrada,  
Formando abismos escuros  
Na terra dilacerada.

Em derredor, tudo é glória  
Do campo verde e florido;  
Céu de anil, promessa e luz,  
Mas o solo está ferido.

Somente à custa de esforço,  
De luta excessiva e estranha,  
É possível reparar  
As úlceras da montanha.

É um quadro que faz lembrar  
As almas de grande altura,  
Que, embora a ciência e o brilho,  
Tem abismos de amargura.

São montes iluminados  
De sonho e conhecimento,  
Mas, degradados por vezes,  
Nos planos do pensamento.

Recebem, da luz de Deus,  
Dons sublimes e infinitos,  
Mas se deixam avassalar  
De enxurradas e detritos.

\*

Quem guarde na intimidade  
Tais feridas de erosão,  
É que vive sem defesa  
Nos campos do coração.

**A FAXINA**

**Casemiro Cunha**

De manhã, em toda casa,  
Ar puro, janela aberta,  
A higiene determina  
O movimento de alerta.

E' o asseio proveitoso  
Que começa com presteza,

Expulsando o pó de ontem  
Nos serviços da limpeza.

A vassoura range, range,  
No polimento ao soalho,  
Sem desprezar coisa alguma  
Na expressão do seu trabalho.

Vêm escovas cuidadosas  
Ao lado de espanadores  
E renova-se a paisagem  
Dos quadros interiores.

A água cariciosa  
Que se mistura ao sabão,  
Carreia o lixo, a excrescência,  
Enche baldes, lava o chão.

Os livros desafogados  
Mostram ordem nas fileiras,  
Convidando ao pensamento  
Do cinco das prateleiras.

Os móveis descansam calmos,  
De novo brilho o verniz.  
Toda a casa fica leve,  
Mais confortada e feliz.

A limpeza efetuada  
E' novo impulso à energia,  
Multiplicando as estradas  
De esforço e sabedoria.

A faxina, qual se chama,  
Na linguagem da caserna,  
Tem seu símbolo profundo  
Nos campos de vida eterna.

\*

Muita gente sofre e chora,  
Na dor e na inquietação,  
Por nunca fazer faxina  
Nas salas do coração.

## A FAZENDA

**Casemiro Cunha**

O dia vem longe ainda,  
Fulgura o brilho estelar...  
Mas nos campos da fazenda  
É hora de trabalhar.

O dever chama aos serviços  
Da luta risonha e sã,  
Na divina voz das aves  
Que cantam pela manhã.

A tarefa atinge a todos  
Nos roçados, no paiol,  
Tudo expressa movimento  
Precedendo a luz do sol.

Ali, corta-se, acolá  
Dispõe-se de novo a leira,  
Aqui, combate-se os vermes  
Que atacam a sementeira.

Ninguém pára. Todos lutam.  
Há cantares da moenda,  
Contando a história do açúcar  
Nos caminhos da fazenda.

Entretanto, se o programa  
É repouso, calma e sono,  
Em breve, a propriedade  
Vive em trevas do abandono.

Serpentes invadem campos,  
Há cipó destruidor,  
O mato chega às janelas,  
Procurando o lavrador.

Enquanto a enxada descansa  
Esquecida e enferrujada,  
A casa desprotegida  
Prossegue em derrocada.

Quem não vê na experiência  
Tão simples, tão conhecida,  
A zona particular  
Nos quadros da própria vida?

\*

Rico ou pobre, fraco ou forte,  
Não te entregues à inação,  
Que a vida é a fazenda augusta  
Guardada na tua mão.

## A FERRAMENTA

**Casemiro Cunha**

O êxito no trabalho,  
Com que o homem se apresenta,  
Depende da vigilância  
Que se deve à ferramenta.

A enxada laboriosa,  
Que coopera e não se cansa,  
Pede zelo no serviço,  
Para agir com segurança.

A agulha por ministrar  
Benefícios e atenções,  
Não dispensa tratamentos,  
Desvelos e condições.

Nos trabalhos do tecido,  
Em tudo que atinja o assunto,  
O tear pede harmonia  
Nas peças do seu conjunto.

A própria cozinha humilde,  
No que diz respeito a ela,  
Reclama copo asseado  
E limpeza na panela.

No círculo das tarefas,  
Da mais simples à maior,  
Descuidada a ferramenta,  
Tudo vai pelo pior.

Sem isto, qualquer serviço  
Inclina-se à negação  
E tende com rapidez  
Às sombras da confusão.

Instrumento corrompido  
Marca início de insucesso.  
Sem lutas de vigilância,  
Não há bênçãos de progresso.

O problema do utensílio,  
É tão belo quão profundo...  
Lembra sempre que teu corpo  
Atende essa lei no mundo.

\*

Viveres de corpo ao léu,  
Estranho aos cuidados teus,  
É injúria feita ao trabalho,  
Menosprezo aos dons de Deus.

**A LÃ**

Em todas as latitudes

**Casimiro Cunha**

Da terra que aperfeiçoa,  
É sempre meiga e benvinda  
A lã carinhosa e boa.

Conserva a saúde e a vida,  
Nos invernos, nos trabalhos,  
É mãe delicada e nobre  
Dos mais puros agasalhos.

Faz frio? Desceu a noite  
Em borrascas escarninhas?  
A lã protetora e santa  
Vai vestir as criancinhas.

Há velhice amargurada  
Movendo-se quase morta?  
A divina benfeitora  
Vem de leve e reconforta.

Enfermos entristecidos  
Atados a grandes dores?  
Recolhe-os bondosamente  
Em ninhos de cobertores.

Presta aos homens neste mundo  
Auxílio amoroso e forte,  
Desde o berço da chegada,  
Ao leito de dor na morte.

Heroína afetuosa  
De serviço e de bondade,  
Preserva no mundo inteiro  
O corpo da Humanidade.

Quem a veste, conservando-a,  
Encontra incessantemente  
A couraça que resiste  
Ao frio mais inclemente.

Lembremos, vendo-a servir  
Sem recompensa e sem palmas,  
O Cordeiro que dá lã  
Necessária a nossas almas.

Não te doa nos caminhos  
O inverno de angústia e pranto:  
Vistamos os sentimentos  
Em lã do Cordeiro Santo.

**A FACA**

**Casemiro de Abreu**

A faca, inegavelmente,  
Embora não acerada,  
Oferece algum perigo  
À pessoa descuidada.

Entretanto, muitas vezes,  
No serviço rude e forte,  
Não se pode prescindir  
Do concurso do seu corte,

Pleno campo. Plantações.  
Verdura a perder de vista.  
A faca auxilia sempre  
No trabalho ruralista.

Nas fábricas operosas,  
Onde a prudência a conserva,  
Está pronta e decidida  
No serviço ou na reserva.

No esforço de cooperar,  
Permanece dia inteiro  
Atendendo eficazmente  
Ao lado do sapateiro.

Contribui nas selarias,  
Onde o trabalho é uma escola,  
Obedecendo ao seleiro,  
Dando o bem, cortando a sola.

Em casa, está sempre firme,  
Excelente companheira,  
Respondendo a muito caso  
Que concerne à cozinheira.

Depois de formar, atenta,  
No preparo à refeição,  
Segue, humilde, para a mesa  
E ajuda a partir o pão.

Mas a faca que é tão útil,  
Tão valorosa e singela,  
É muito desagradável  
No pulmão ou na costela.

\*

Forçoso é reconhecer  
Que a faca vive a ensinar  
Que cada coisa no mundo  
Tem seu tempo e seu lugar.

**A FLOR**

**Casemiro de Abreu**

Olhai os lírios do campo  
Vestidos de aroma e luz!...  
Este apelo vem do ensino  
Do Evangelho de Jesus.

O Mestre ensinou que a flor,  
Sem qualquer preocupação,  
É mais rica e mais formosa  
Que a pompa de Salomão.

Diversos homens sem Cristo,  
De mente pobre e enfermiga,  
Supuseram nesse apelo  
A exaltação da preguiça.

A lição, porém é outra:  
A força de sua essência  
Louva em tudo, antes de tudo,  
O trabalho e a obediência.

Bem poucos homens reparam  
Que na selva, ou no jardim,  
Toda flor revela e guarda  
Harmonia até o fim.

Sua doce formosura  
É bem que nunca se esvai,  
Enfeitando os aposentos  
da Casa de Nosso Pai.

Se alguém a separa da haste,  
Quando nada mais lhe resta,  
completa com a sua dor,  
Os júbilos de uma festa.

No lamaçal, nas estufas,  
Na miséria ou na opulência,  
A alegria harmoniosa  
É a vida de sua essência.

A flor pequenina e frágil,  
Que nasce e perfuma à-toa,  
Revela que em toda a parte  
A vida é formosa e boa.

\*

O que é preciso é guardar,  
Na aspereza mais sombria,  
A fé no Pai de Bondade  
Ao ritmo da alegria.

**A LAGARTA**

**Casimiro Cunha**

A árvore é grande e bela,  
Mas, na copa que se alteia,  
Intromete-se a lagarta  
Escura, disforme e feia.

No troco maravilhoso,  
Folhas verdes, flores mil. . .  
O traço predominante  
É a nota primaveril.

E basta uma só lagarta  
De minúscula expressão,  
Por fazer, na árvore toda,  
Estrago e devastação.

De fato, o conjunto verde  
É nobre, forte e preciso;  
Mas, em todos os detalhes,  
Há sinais de prejuízo.

A lagarta rastejante,  
Mostrengo em miniatura,  
Vai de uma folha a outra,  
Dilacerando a verdura.

As flores, embora belas,  
Perfumosas e garridas,  
Aparecem deformadas,  
Nas corolas carcomidas.

O passeio da lagarta,  
Que demora e persevera,  
Perturba toda expressão  
Da filha da primavera.

Por mais que enfore e se esforce,  
A árvore peregrina  
Trai, aos olhos, a existência  
Do verme que a contamina.

Encontramos na lição,  
Desse pobre vegetal,  
O homem culto e bondoso  
Com o melindre pessoal.

Há muitas almas na Terra,  
De feição nobre e segura,  
Mas o melindre é a lagarta  
Que as persegue e desfigura.

## A LÂMPADA

Casimiro Cunha

Em casa, a lâmpada acesa,  
Singela e despercebida,  
Constitui lição patente  
Das mais nobres que há na vida.

Contra a noite escura e espessa,  
Que se espalha e reproduz,  
Envolve-se de energia,  
Resplandece e traz a luz.

Seu trabalho é grande e simples,  
Difundindo o sol do bem.  
Não discute, não pergunta,  
Dá sempre, não olha a quem.

Ilumina o gabinete  
De pesquisa ou leitura,  
Como aclara a agulha humilde  
Da máquina de costura.

Envolve com a mesma luz  
A velhice, a enfermidade  
A infância, a alegria, a dor,  
E os sonhos da mocidade.

Há tumultos, há prazeres?  
Amarguras, agonia?  
Se não sofre violência,  
Eis que a lâmpada irradia.

Serena, silenciosa,  
Não se aflige, não consulta,  
Nada pede, além da força  
Que lhe vem da usina oculta.

Revela todo detalha,  
Sem contendas, sem perigo.  
A sua demonstração  
É o foco que traz consigo.

Não exige condições  
Por servir e iluminar,  
E define seu ruído  
Cada coisa em seu lugar.

Pensem em nossa glória  
Quando formos, irmãos meus,  
Como lâmpadas do Cristo  
Na usina do amor de Deus.

**A LAVOURA**

Pelo bem da roupa limpa  
Não se esqueça a criatura  
Dos serviços que custou  
O esforço da lavadura.

Raramente se recorda,  
Na tarefa rotineira,  
O trabalho, o sacrifício  
Do campo da lavadeira.

Porque, em verdade, a tarefa,  
Inclui disciplina e dores,  
Não se lava roupa suja,  
Usando perfume e flores.

Por limpar-se no caminho  
Necessário à experiência,  
Não foge à imersão completa  
Nas águas da Providência.

Não dispensa o gosto amargo  
Do concurso do sabão,  
Alijando-se a bagagem  
De sujidade ou carvão.

Passado o atrito da esfrega,  
Que impõe cansaço e aspereza,  
Transporta-se ao coradouro,  
Apurando-se a limpeza.

Depois, é a volta bendita,  
À água cariciosa,  
Que atende à saúde humana,  
Com bênçãos de mãe bondosa.

Qualquer recurso ao lavar,  
Com sabão ou corrosivo,  
Requisita paciência,  
Vigilância e esforço ativo.

O serviço dessa ordem  
Faz lembrar ao pensamento  
A lavadura precisa  
Às roupas do sentimento.

\*

Vivamos tranqüilamente,  
Sem olvidar, entretanto,  
Que nossa alma necessita  
Lavar-se em suor e pranto.

Essa lenha pobre e seca,  
Que se entrega com bondade,  
É sugestão do caminho  
E exemplifica a humildade.

Já pensaste em seu passado?  
Um lenho seco... que era?  
Talvez o galho mais lindo  
Dos dias da primavera.

Quem sabe? talvez um tronco,  
Terno abrigo nos caminhos,  
Um palácio nobre e verde  
De flores e passarinhos.

No entanto, em missão de auxílio,  
Com santa resignação,  
Não se nega a cooperar  
Nas máquinas de carvão.

Em noite chuvosa e fria,  
Ela é a doce companheira  
Que aquece as recordações,  
Crepitando na lareira.

Ao seu calor, os mais velhos  
Acham prazer na lembrança;  
Os mais moços a alegria  
De comentar a esperança.

Morrendo animosamente,  
Em chamas de luz e graça,  
Ela sabe que é de Deus,  
Por isso trabalha e passa.

Se viveu rindo e cantando,  
Entre seivas e prazeres,  
Com os mesmos encantamentos,  
Cumpre os últimos deveres.

Ah! quão poucos na jornada  
Convertem reminiscências  
Em calor, vida e perfume  
De novas experiências!...

\*

Mas chega o dia em que o homem,  
Sem combater, sem negar-se,  
Precisa, como essa lenha,  
Da coragem de apagar-se.

Quando o homem precisou  
Amor e delicadeza,  
Concedeu-lhe a Providência  
A benção de paz da mesa.

Desde então, em toda parte,  
Na esfera em que a luta brilha,  
A mesa assinala o passo  
Da tribo para a família.

Quer Deus que ela seja em tudo  
Bondade, ternura, altar,  
Seja em tábua, seja em ouro,  
- Outro lar dentro do lar.

Decidem-se, à frente dela,  
Os destinos das nações;  
É mãe civilizadora  
De todas as gerações.

Ajuda, em missões do ensino,  
Aos professores e aos pais,  
Serve ao campo das igrejas,  
Das escolas e hospitais.

Revelando caridade  
Que a palavra não traduz,  
Oferece o pão do corpo,  
Como oferta o pão da luz.

A Providência Divina,  
Procurando auxiliar,  
Deu-a ao campo evolutivo  
Para o homem conversar.

Junto dela, o Cristo Amado,  
No socorro aos nossos planos,  
Deu a ceia aos companheiros  
E o banquete aos publicanos.

Em torno à mesa, cultiva  
Respeito, verdade, amor;  
Ela é dádiva perfeita  
Da esfera superior.

Nos serviços rotineiros,  
Não olvides, meu irmão,  
Que a mesa de tua casa  
É o lar da conservação.

**A MINA**

É o poço escuro e enorme  
Que a mãe Natureza ensina,  
Entre exemplos de trabalho,  
A grande lição da mina.

Picaretas formidandas,  
Batendo a terra escabrosa,  
Procuram localizar  
A matéria preciosa.

Sob rudes ameaças,  
Constroem-se galerias,  
O filão exige sempre  
Sofrimentos e agonias.

Aqui, maquinismo imenso,  
Acolá, perfuradores,  
Na conquista do metal  
Das zonas inferiores.

Milhares de braços fortes,  
Calejados na aspereza,  
Afrontam a treva e a morte  
Nas sombras da Natureza.

Depois de suor intenso,  
Nas câmaras do trabalho,  
Retira-se para exame  
Grande acervo de cascalho.

Mas o ouro em toda parte  
Tem problemas e programas,  
Em toneladas de pedra,  
Dá somente poucos gramas.

De muita luta e serviço,  
Em provações da coragem,  
A mina fornece o ouro  
Em pequena porcentagem.

Repara que a vida humana,  
Doente, pobre ou faustosa,  
Em todo lugar da Terra  
É mina laboriosa.

\*

De muito cascalho inútil,  
Nas labutas da existência,  
Aprende a extrair na vida  
O ouro da experiência.

## A MONTANHA

**Casemiro de Abreu**

Dentre todas as paisagens,  
Talvez a mais bela e estranha,  
É aquela que se observa  
Na solidão da montanha.

Dura e estéril muitas vezes,  
Deserta, triste, empedrada,  
A montanha nos parece  
A terra amaldiçoada.

Entre as rochas do seu corpo,  
Florescem cardos somente,  
Flores rudes e espinhosas  
Da soledade inclemente.

Seus píncaros elevados,  
Na figura da paisagem,  
Chamam somente a atenção  
Do espírito de coragem.

Comparada ao movimento  
Do vale em relva macia,  
Fornece a impressão penosa  
Da aridez e da agonia.

Entretanto, em todo tempo,  
É a sua força que encerra  
O amparo cariciosa  
Aos vales de toda a Terra.

Sem sua dureza agreste,  
Repleta de solidão,  
As planícies morreriam  
Por falta de proteção.

É ela a mão silenciosa  
Da energia que produz;  
No seu cume nunca há sombras,  
Seu dia inteiro é de luz.

No mundo, as almas do amor,  
Mais sábias, mais elevadas,  
São montanhas que parecem  
estéreis e desprezadas.

\*

Todavia, é o sacrifício,  
De sua desolação,  
Que sustenta em toda a vida  
Os vales da evolução.

**A MUDA**

**Casimiro Cunha**

Quem penetre no jardim,  
Quando em plena floração,  
Não pode dissimular  
Sincera admiração.

Açucenas desabrocham  
Desdobrando-se em beleza,  
Mostrando a maternidade  
Das forças da Natureza.

Além do jardim florido,  
Quem se dirija ao pomar,  
Experimenta emoção  
Que não pode disfarçar.

As árvores generosas,  
Sob auréolas de verdura,  
Servem pomos de bondade  
Às mesas da criatura.

Flores ricas, frutos nobres,  
Na abundância indefinível,  
Demonstram a Providência  
Na bondade inexaurível.

Observe-se, porém,  
Como quem cumpre o dever,  
Que o nosso primeiro impulso  
Vem da idéia de colher.

As flores são decepadas,  
Esmaga-se o fruto a esmo,  
Em tudo o egoísmo extremo,  
Dando conta de si mesmo.

São raros os previdentes  
Que guardam consigo a muda,  
Por plantá-la com desvelo  
Na terra que sempre ajuda.

Em nossa vida, igualmente,  
Se vamos à luz dos bons,  
Refletimos tão somente  
Na colheita de seus dons.

\*

Não basta, porém, ganhar,  
Por deixarmos de ser pobre:  
Plantemos em nossa vida  
A muda do exemplo nobre.

## A NOITE

**Casimiro Cunha**

Crepúsculo. E, após o dia  
De esforços laboriosos,  
Eis que surge a noite cheia  
De apelos maravilhosos.

Deus desdobrou sobre a Terra  
Seu manto misterioso,  
Como pausa necessária  
De pensamento e repouso.

As estrelas que se acendem,  
Com ternura e rutilância,  
Parecem luzes que acenam  
De uma cidade a distância.

A luz ditosa convida  
À paz e à meditação.  
A noite é a parada amiga  
De calma renovação.

Se o dia pertence à luta  
Da construção terrenal,  
A noite é o sagrado ensejo  
Da vida espiritual.

Os homens ignorantes  
Abusam do seu valor,  
Dando vida a todo impulso  
De natureza inferior.

Mas quem sabe ser do Cristo  
Encontra nela a harmonia  
Da fonte de vibrações  
Do amor, da paz, da alegria.

Palpita em seu manto a bênção  
Do Pai Amado que aprova.  
É a ilha rica e encantada,  
Repleta de força nova.

Alegra-te em cada noite,  
E, tomando o bem por guia,  
Entrega a Deus o inventário  
Das lutas de cada dia.

Não te enerves no repouso,  
Renova teu compromisso.  
Quem não sabe descansar,  
Mentiroso é o serviço.

**A NUVEM**

Céu sereno luminoso,  
Entretanto, avulta em cima  
Um ponto sombrio e triste –  
É a nuvem que se aproxima.

Quem mirar o firmamento,  
Descansando a luz do olhar,  
De súbito, experimenta  
Doloroso mal-estar.

Dilata-se o ponto negro,  
Em todo o céu que se altera,  
O calor é intolerável  
Na pressão da atmosfera.

A planta parece aflita,  
Mergulhada em solo ardente.  
O vento para. O caminho  
Sufoca penosamente.

Vem a nuvem dividida  
Em vastíssimos pedaços,  
Atritam-se os elementos  
Em confusão nos espaços.

Em breve, porém a chuva,  
Em gotas cariciosas,  
Mata a sede das raízes,  
Lava as pétalas das rosas.

As folhas ganham verdura,  
A estrada se modifica,  
É a seiva do céu que cai,  
Profusa, bondosa e rica.

Aí, reconhecem todos  
Que a nuvem, como ninguém,  
Sabia trazer consigo,  
A paz, a alegria, o bem.

Assim, a nuvem da vida  
Do infortúnio e da desgraça,  
Vem sombria e dolorosa,  
Chove lágrimas e passa.

\*

Um homem, depois das dores,  
É mais lúcido e melhor.  
Toda sombra de amargura  
Traz consigo um bem maior.

Entre as coisas mais singelas  
Dos planos da Natureza,  
Destaca-se a pedra humilde,  
Como símbolo de dureza.

Se alguém requisita imagem  
Para a dor de nossa luta,  
Em todas as circunstâncias  
Lembremos da pedra bruta.

Entretanto, quase sempre,  
Em nossa definição,  
Há doses de fantasia  
E gestos de ingratidão.

A pedra é santa operária,  
Exemplo de intrepidez,  
No campo material  
É base de solidez.

No plano geral do mundo,  
Ela humilde é que suporta  
O peso da casa amiga,  
Do lar que nos reconforta.

Além disso, se apresenta  
A luta e a dificuldade,  
Coopera na educação  
Das forças da humanidade.

Nem sempre a pedra da estrada  
Constitui espinho e dor,  
Que obstáculo vencido  
É posse demais valor.

É certo que a pedra esmaga  
Se há preguiça e invigilância;  
Mas, muitas vezes, é uma luz  
Nas trevas da ignorância.

Olhando-a, nunca te esqueças  
Que mesmo a dor da pedrada  
Pode ser a grande bênção  
De uma vida renovada.

\*

Ouçamos a grande voz  
Da cátedra de Jesus,  
Que colheu as nossas pedras  
E nos deu a Eterna Luz.

Dos trabalhos de conquista  
Da fortuna dadivosa,  
Destaca-se a pescaria  
Da pérola preciosa.

Nem todo mar serve à pesca,  
Há nas ostras exceção,  
Em verdade, muito poucas  
Atendem na seleção.

Extremas vicissitudes,  
Trabalhos, perigos, dores,  
Tudo isso desafia  
O esforço dos pescadores.

Não se pode prescindir  
De serviços sobre-humanos,  
Com cuidado e intrepidez,  
No fundo dos oceanos.

É preciso haver coragem  
Estranha a qualquer temores,  
No justo desprezo aos monstros  
Das zonas inferiores.

A descida no mergulho,  
Ao longo do enorme abismo,  
Traduz um ato de fé  
Que descende do heroísmo.

Mas, depois do sacrifício,  
A que o homem se conduz,  
Vem a pérola mostrando  
Um sonho formado em luz.

Todo o ouro amoedado,  
Nos arquivos da avareza,  
Não cria esse dom de Deus  
Que surge da Natureza.

No esforço do pensamento,  
Imita essa pescaria:  
No oceano do Evangelho  
Há paz e sabedoria.

\*

Trabalha, despreza os monstros,  
Esquece a dificuldade  
E acharás com Jesus-Cristo  
As pérolas da Verdade

No serviço inicial  
Das construções no planeta,  
Aparece, indispensável,  
O esforço da picareta.

E' quase desconhecida  
Na casa elegante e bela;  
Pouca gente se recorda  
Que não se abrigou com ela.

E' que a nobre picareta  
Atende à primeira fase  
De cada edificação  
Que precise erguer a base.

No trabalho do princípio,  
Vencendo a pedra, a rudeza,  
Revela ao trabalhador  
Obediência e presteza.

Do serviço eficiente  
Fornece as maiores provas,  
Quebra espinhos, vara outeiros,  
Desdobrando estradas novas.

Traça e atende com firmeza,  
No início das construções,  
Dando forma aos alicerces,  
Prezando as obrigações.

Escava terrenos duros,  
Humilde, criteriosa,  
Por trazer à superfície  
A bênção da água bondosa.

Obstáculo? Empecilho?  
Oposições de rochedo?  
A picareta resolve  
Totalmente estranha ao medo.

Na esfera espiritual  
Onde o bem pede cuidados,  
Há construções igualmente  
Com serviços bem pesados.

\*

Lembra sempre, meu irmão,  
Se queres a Luz Divina,  
Que a vontade é picareta  
Nas terras da disciplina.

## **A PLANTAÇÃO**

E' muito grande o trabalho,  
Enorme a preparação,  
Na terra que se destina  
Às fainas da plantação.

E' preciso desprezar  
Certas plantas, certas flores  
Retirar os espinheiros  
E arbustos inferiores.

Depois da foice aguçada,  
Que opera o desbravamento,  
Vêm, a golpes de enxadão,  
Limpeza e destocamento.

No corpo da terra nua,  
Em lutas laboriosas,  
Há frondes e flores murchas,  
Cicatrizes escabrosas.

Logo após, o arado amigo,  
Cuidadoso, traça a leira,  
Completando atividades,  
Devidas à sementeira.

O solo dilacerado  
Dá conta do esforço ingente,  
A terra aberta e ferida  
E' o berço justo à semente.

A zona que se consagra,  
Às tarefas de cultura,  
Fornecer lições diversas  
Ao campo da criatura.

Muita gente julga, a esmo,  
Que as lutas da educação  
Se resumem a teoria,  
Discurso e doutrinação.

Mas o problema é bem outro:  
Não se dispensa a harmonia  
Entre ação e ensinamento,  
Nos quadros de cada dia.

\*

Dores, lutas, sofrimentos,  
São bênçãos de formação  
Da Divina Sementeira  
Nas zonas do coração.

## A PODA

Quando é necessário ao campo

**Casimiro Cunha**

Produção forte e fiel,  
Não se pode prescindir  
Da poda quase cruel.

É dolorosa a tarefa  
Que se comete ao podão,  
Não só nos tempos de inverno,  
Como em tempo de verão

No pomar esperançoso,  
Na vinha feita em verdura,  
Há dores indefiníveis  
Que nascem da podadura.

Velhos ramos opulentos,  
Dilacerados ao corte,  
Despenham-se amargurados,  
Vencidos de angústia e morte.

Esforça-se a podadeira  
No galho que cede a custo,  
E as frondes carinhosas  
Parecem tremer de susto.

Muita vez, toda folhagem  
Sucumbe, desaparece,  
Nobres hastes mutiladas  
Dão mostras de mãos em prece.

Mas, depois, findo o tormento,  
Passada a grande agonia,  
Vem a luz da primavera  
Nas colheitas de alegria.

Tudo é festa de beleza,  
Abundância, fruto e flor,  
Devendo-se tudo a bênção  
Da poda que trouxe a dor.

Necessita-se igualmente,  
No campo das criaturas,  
Das podas em tempo calmo,  
Em tempos de desventuras.

Nas fainas da luta humana,  
O sofrimento é o podão:  
Não te furtas à grandeza  
Das leis de renovação.

## A POMBA

A pomba bondosa e terna

**Casimiro Cunha**

Sobe, sobe, além dos montes,  
E presta serviços nobres  
Devorando os horizontes.

Entre os homens, vê-se o mesmo,  
Nos caminhos da existência;  
A ninguém falta na terra  
As asas da inteligência.

Há, porém muita avestruz,  
Muitos corvos e galinhas,  
E em todo o lugar são raras  
As pombas e as andorinhas.

## A PONTE

**Casemiro de Abreu**

Onde a estrada se biparte,

Parando sem que prossiga,  
Manda o Pai que se construa  
A ponte bondosa e amiga.

Consagrada ao bem dos outros,  
Todo instante atenta a isso,  
Dom dos céus a revelar  
O espírito de serviço.

Suspensa sobre as alturas,  
Onde uma queda ameaça,  
Sem privilégio a ninguém,  
A ponte serve a quem passa.

Sempre pronta no caminho,  
No seu esforço incessante,  
Todo o tempo, dia e noite,  
É bondade vigilante.

Sanando dificuldades,  
Dá-se ao que vai e ao que vem,  
Pratica com todo o mundo  
A divina lei do bem.

Por gozar-lhe toda hora,  
Seu constante e terno amor,  
Os homens nunca refletem  
Na extensão do seu valor.

Muita vez é necessário,  
Para que homem possa sentir,  
Que em meio da tempestade,  
A ponte venha a cair.

No instante em que cada qual  
Vê que o bem próprio periga,  
Já ninguém mais desconhece,  
Quem era essa grande amiga.

A ponte silenciosa,  
No esforço fiel e ativo,  
É um apelo à lei do amor,  
Sempre novo, sempre vivo.

\*

Vendo-a nobre e generosa,  
Servindo sem altivez,  
Convém saber se já fomos  
Como a ponte alguma vez.

## A PORTEIRA

**Casemiro de Abreu**

Enquanto a cerca trabalha,  
Organizando a dívida,  
A porteira se encarrega  
Da tolerância precisa.

O caminho generoso,  
Defendido em cada lado,  
Não pode ser confundido,  
Nem deve ser perturbado.

Quem organiza, porém,  
O esforço de vigilância,  
Pode, às vezes, ser levado  
A gestos de intolerância

A rigidez na fronteira,  
Tendendo para o egoísmo,  
Encontra a porteira sábia,  
Que opera contra o extremismo.

Nas praças como nos campos,  
Ela ensina, com carinho,  
Que a propósitos sagrados,  
Não se nega o bom caminho.

A cerca defende a ordem  
Dominando o que é contrário,  
Mas a porteira bondosa  
Atende ao que é necessário.

Há pessoa aflita e triste  
Que precise providência?  
Ei-la pronta a qualquer hora,  
E atende com diligência.

Animais ao abandono?  
Necessidades de alguém?  
Expõe com simplicidade  
A sua missão no bem.

E com calma superior,  
Humilde e silenciosa,  
Completa o serviço amigo  
Da cerca criteriosa.

\*

Vivem no mundo almas nobres,  
Torturadas de aflição,  
Porque lhes faltam porteiras  
Nos campos do coração.

## A PRAIA

**Casimiro Cunha**

Mar revolto. Sombra densa,  
Ao longo da vastidão.  
Vibra a angústia em cada rosto  
Na frágil embarcação.

O vento sopra de rijo  
Espalhando a tempestade,  
As ondas são monstros verdes  
No dorso da imensidade.

Dolorosas inquietudes,  
Amarguras, nervosismos...  
Céu e mar desesperados –  
É o choque de dois abismos.

Não mais bússolas, nem velas,  
Tudo horror, trovões e vento,  
Só resta, entre vagalhões,  
O esforço do salvamento.

Ninguém define a distância  
E o mais lúcido, o mais forte,  
Mergulha-se em pensamento  
Nos caminhos para a morte.

É quando a costa aparece,  
Trazendo nova esperança.  
É a mensagem carinhosa  
Dos planos de segurança.

Que alívio dos viajores,  
Cansados de sofrimento!...  
Eis que a praia simboliza  
A luz dum renascimento.

Ao seu lado, volta a calma,  
Extinguem-se a sombra e a dor,  
Renova-se a confiança  
Na esfera superior.

Esse quadro nos recorda  
O mundo desesperado,  
Que parece muitas vezes,  
Grande mar encapelado.

\*

Mas todo cristão sincero  
É uma praia apetecida,  
Onde há paz e segurança,  
Caminho, verdade e vida.

## A REFEIÇÃO

**Casimiro Cunha**

Das horas do lar terrestre,  
Que falam ao coração,  
Destacamos com justiça  
A hora da refeição.

Há muita gente no mundo  
Que se assenta junto à mesa  
E recebe o bem divino  
Sem ponderar-lhe a grandeza.

Supõem muitos, mostrando  
Juízo ao sabor do vento,  
Que a refeição se resume  
A despesa e pagamento.

Raros pensam no trabalho  
Da Eterna Sabedoria  
Que espalha, por toda a terra,  
Esse pão de cada dia.

A maior parte dos homens,  
Estranha à luz da oferenda,  
Aproveita a refeição  
Por dar pasto à gula horrenda.

Muitos outros, igualmente,  
Dominados de cegueira,  
A transformam em campo largo  
De excessos de bebedeira.

Não poucos, menosprezando  
O corpo sadio e forte,  
Em vez de atender a vida,  
Procuram moléstia e morte.

Finalmente, em toda a parte,  
Pelo método confuso,  
O dom do Senhor se torna  
Em pastagem para o abuso.

Cartilha Da Natureza

Ouve amigo: não te esqueças,  
Nas mais ínfimas estradas,  
Que o prato das refeições  
É bênção das mais sagradas.

Não olvides que o "pão nosso"  
É dom sublime e perfeito;  
Se não tens a luz da fé,  
Não te esquives ao respeito.

Cartilha Da Natureza

**A Visita**

Quando Deus criou a Terra  
A visita de amizade,  
Permitiu-a, incentivando  
A paz e a fraternidade.

Antes, contudo, o Senhor,  
Que preserva nossa vida,  
Deu a norma generosa  
Que, em tudo, lhe é devida.

No silêncio venerando  
Com que falta das Alturas,  
Nosso Pai ensina isso  
Visitando as criaturas.

Vem com o sol de maravilhas  
Que não olvida ninguém,  
Aquece as coisas e os seres,  
Amando, fazendo o bem.

Vem junto à chuva bondosa  
E atende à fecundação,  
Traz flores, verdura e seiva  
E espalha as bênçãos do pão.

A Visita Paternal  
Nunca falta nem demora,  
O Senhor vem ver-nos sempre,  
Cada dia, cada hora.

Entretanto, não comenta  
Nossas grandes cicatrizes,  
Apenas procura meios  
De tornar-nos mais felizes.

De mil modos auxilia  
Com bondade sempre igual,  
Buscando estabelecer  
O olvido de todo mal.

Nos tempos de riso e flores,  
Nos dias de dor e abrolhos,  
Ao lado de seus amigos,  
Não visites com maus olhos.

Maledicência é veneno  
Que traz angústias de inferno;  
Ganhar visita ou fazê-la,  
É divino dom do Eterno.

## A SEMENTE

**Casemiro Cunha**

Nos quadros vivos da roça,  
A semente pequenina  
É página aberta aos homens,  
Mostrando lição divina.

É minúscula, e somente  
À luz de grande atenção  
Pode ser reconhecida  
No campo de plantação.

Quanto pesa? Quase nada:  
Coisa muito inferior,  
Calcada aos pés, sem cuidado,  
Nas lutas do lavrador.

No entanto, grãozinho humilde,  
Que pouca gente repara,  
Tem tarefas e caminhos,  
Lições de beleza rara.

Humilde, pequena e pobre,  
Abandonada ao monturo,  
A semente é a garantia  
Do edifício do futuro.

Coisa mínima lançada  
Ao vasto lençol do chão,  
Vai ser árvore, celeiro,  
Remédio, alimentação.

Mas é justo ponderar,  
Ao senso da criatura,  
Que a espécie de produção  
Responde à semeadura.

Laranjeira dá laranja,  
Macieira dá maçã,  
Planta rude do espinheiro  
É mais espinho amanhã.

As sementes ignoradas,  
Da roça desconhecida,  
São iguais às bagatelas  
Do quadro de nossa vida.

\*

Uma palavra, um conselho,  
Um gesto, uma vibração,  
Vão crescer e produzir  
Conforme nossa intenção.

## A TERRA E O LAVRADOR

**Casemiro Cunha**

Nos quadros da Natureza,  
A terra e o cultivador  
São personagens sublimes  
Do livro do Pai de Amor.

A terra mais seca e dura  
Conserva, no coração,  
As bênçãos da Luz Divina  
Que fornece o nosso pão.

E o lavrador é o amado,  
A mão simples, meiga e boa,  
Que regenera e semeia,  
Que cultiva e aperfeiçoa.

Pesados desbravamentos,  
Arado rude a ferir..  
Humilde, dilacerada,  
Toca a terra a produzir.

Quanto mais a enxada vibre  
No sulco forte e profundo,  
Mais a flor promete fruto,  
Mais o celeiro é fecundo

Muita vez, o solo agreste  
É lama desamparada,  
Mas a mão do lavrador  
Traz a vida renovada.

Onde queimava o deserto  
E o calor não tinha fim,  
Brincam asas buliçosas,  
Cantam flores de jardim.

Quem não viu da própria estrada  
O esforço do lavrador  
E a terra aberta em feridas  
Dando a riqueza interior?

Assim, no mundo, a alma pobre,  
Inda vil, inda assassina,  
Oculta a fagulha excelsa  
Da Consciência Divina.

\*

E a dor, nossa grande amiga,  
Na terra do coração,  
É o lavrador bem-amado  
Da vida e da perfeição.

## **A TEMPESTADE**

**Casimiro Cunha**

Quando o ar sufocante,  
Quando a sombra tudo invade,

Eis que chegam de repente  
Os carros da tempestade.

Trovões, coriscos, estalos,  
Granizos, treva. Aspereza;  
São convulsões dolorosas  
Das forças da Natureza.

Velhas copas opulentas,  
Antigas frondes em festa,  
Tombam gritando assustadas  
Na escuridão da floresta.

Os furações implacáveis  
Matam flores, levam ninhos;  
A corrente do aguaceiro  
Muda a face dos caminhos.

Mas no dia que sucede  
Às sombras da convulsão,  
A terra é limpa e tranqüila.

O céu é claro-azulado,  
O dia é de linda cor,  
Tudo chama novamente  
A nova expressão de amor.

Quem não teve em sua vida  
A tempestade também?  
Depois de tudo arrasado,  
Floresceu, de novo, o bem.

Aflições e desencanto,  
Renovação de ideais,  
Desilusões dolorosas,  
Desabamentos fatais.

Deus, porém, jamais esquece  
De atender e renovar;  
Apenas pede aos seus filhos  
A energia de esperar.  
Cartilha Da Natureza

Caso venha a tempestade,  
Guarda a força calma e sã.  
Deus é Pai. Ora e confia.  
A vida volta amanhã.

## A USINA

**Casimiro Cunha**

Ao lado da queda d'água,

Se existe o rumor da usina,  
É justo considerar  
A lição que o quadro ensina.

Da corrente que despenha,  
Aumentando atividade,  
Parte o fluido vigoroso  
Que vibra eletricidade.

Transforma-se a cachoeira  
Em gerador de energia,  
Que a usina prestigiosa  
Traduz com sabedoria.

A primeira exprime força  
Suscetível de criar,  
A segunda é o vaso amigo  
Que procura aproveitar.

Uma dá, outra recebe  
Com bondade e diligência;  
Semelham-se a ordem calma  
Ao lado da obediência.

Desse acordo delicado  
Nasce o gérmen do processo,  
Em que se organiza o bem  
Do conforto e do progresso.

Desde então, vencida a sombra,  
Há luzes pelos espaços,  
Alimento à grande indústria,  
Serviço a milhões de braços.

Por servir e obedecer,  
Bondosa, confortadora,  
Vem a usina a converter-se  
Na sublime benfeitora.

O quadro revela os olhos,  
Em nobres clarões sem véus,  
A cachoeira incessante,  
Desgraças que vêm dos céus.

\*

Quando houver em cada homem  
A obediência da usina,  
Toda a Terra brilhará  
No trono da Luz Divina.

## A VIDRAÇA

**Casimiro Cunha**

Quem saiba ver nos caminhos

A luz, a beleza, a graça,  
Não foge à contemplação  
Do símbolo da vidraça.

Existe em tamanhos vários  
Mostrando serviços e arte,  
Satisfazendo ao conforto  
Quase sempre, em toda parte.

Prestativa, atenciosa,  
O homem não lhe traduz  
A função maravilhosa  
De abrir novo campo à luz.

Espelho caricioso  
De muita delicadeza,  
Seu esforço no trabalho  
Tem enorme sutileza.

E que em todos os lugares,  
Frente ao mesmo sol de amor,  
Dá caminho à claridade,  
Mas, conforme a própria cor.

Se vermelha, o apartamento  
Guarda-lhe em tudo o matiz,  
Parecendo cada coisa  
Engrinaldada a rubis.

Se verde, a casa parece  
De verdura peregrina;  
Se azulada, é a cor do céu  
Que se dilata e domina.

Na expressão do colorido,  
Tem seu símbolo de escol,  
Pois se o vidro é multicolor,  
Todo o sol é o mesmo sol.

Quem não percebe aí dentro,  
Sem grandes indagações,  
O Divino Amor de Deus  
E as várias religiões?! . . .

Deus é sempre o mesmo Pai  
Que ilumina, cria e sente:  
Mas o homem o recebe  
De acordo com a própria mente.

## A VISITA

**Casimiro Cunha**

Quando Deus criou a Terra  
A visita de amizade,  
Permitiu-a, incentivando  
A paz e a fraternidade.

Antes, contudo, o Senhor,  
Que preserva nossa vida,  
Deu a norma generosa  
Que, em tudo, lhe é devida.

No silêncio venerando  
Com que falta das Alturas,  
Nosso Pai ensina isso  
Visitando as criaturas.

Vem com o sol de maravilhas  
Que não olvida ninguém,  
Aquece as coisas e os seres,  
Amando, fazendo o bem.

Vem junto à chuva bondosa  
E atende à fecundação,  
Traz flores, verdura e seiva  
E espalha as bênçãos do pão.

A Visita Paternal  
Nunca falta nem demora,  
O Senhor vem ver-nos sempre,  
Cada dia, cada hora.

Entretanto, não comenta  
Nossas grandes cicatrizes,  
Apenas procura meios  
De tornar-nos mais felizes.

De mil modos auxilia  
Com bondade sempre igual,  
Buscando estabelecer  
O olvido de todo mal.

Nos tempos de riso e flores,  
Nos dias de dor e abrolhos,  
Ao lado de seus amigos,  
Não visites com maus olhos.

Maledicência é veneno  
Que traz angústias de inferno;  
Ganhar visita ou fazê-la,  
É divino dom do Eterno.

## O AÇUDE

**Casemiro de Abreu**

Vai-se o inverno frio e longo,

Volta o tempo desejável,  
O açude prossegue sempre  
Na harmonia inalterável.

Espelho caricioso  
Refletindo o céu de anil,  
É lençol de luz e ouro,  
Na tarde primaveril.

Durante o dia sem sombras,  
Retrata o Sol a brilhar,  
Quando a noite vem descendo  
Guarda os raios de luar.

Tudo isso é um quadro lindo,  
Mas não é só. A represa  
É a mensagem da prudência  
No apelo da Natureza.

O açude não priva as águas  
De manter seus bons ofícios,  
Mas sabe guardar as sobras,  
Evitando os desperdícios.

No organismo inteligente  
De suas disposições,  
Fornece canais amigos  
Em todas as direções.

E surgem forças cantando,  
No pão, na luz, no agasalho.  
É a vitória da alegria,  
Na abundancia do trabalho.

Se a represa não guardasse  
Com prudência e com carinho,  
Faltaria o necessário  
Nos celeiros do caminho.

Se o perdulário entendesse  
O ensinamento do açude,  
Jamais choraria a falta  
Do sossego e da saúde.

\*

Guardar o que seja justo,  
Sem torturas de avareza,  
É da prudência divina  
No livro da Natureza.

## O AGUILHÃO

**Casemiro Cunha**

Na esteira da confusão,  
Há perigo, o carro empina.  
São golpes de bois madraços  
Em horas de indisciplina.

Avançam, rumo ao barranco,  
Atiram-se à revelia,  
São cegos à estrada enorme  
E surdos à voz do guia.

O carreiro vigilante  
Atende à situação:  
Na canícula dourada  
Vibram golpes de agulhão.

A custa de esforço ingente,  
A poder de ferroada,  
A ordem volta ao serviço,  
A harmonia volta à estrada.

Há revolta momentânea  
Nos bois rudes, a tremer,  
Mas, a bem da paz de todos,  
Cada qual cumpre o dever.

E o carro prossegue firme,  
Sem desvios, sem parar,  
Buscando os objetivos  
Que, por fim, deve alcançar.

Na Terra, também é assim:  
Nas sendas de redenção,  
Todo homem necessita  
Estímulo à própria ação.

No lar, como no trabalho,  
Desde o berço até a morte  
A criatura precisa  
Aguilhões de toda sorte.

Muita gente fala deles  
Com desespero e com asco;  
Mas, Jesus santificou-os  
No caminho de Damasco.

\*

Obedece a Deus e passa,  
Vive sempre atento a isto:  
Todo agulhão que te fere  
É bênção de Jesus-Cristo.

## O ANDAIME

**Casemiro de Abreu**

Quando o esforço principia

Em toda edificação,  
Não se pode prescindir  
Da alheia cooperação.

Precisa-se apoio forte,  
De base através da qual  
Se distribua ao serviço  
Concurso e material.

Vem o andaime prestimoso,  
É o seguro companheiro,  
Que atende às obrigações,  
Noite toda, dia inteiro.

De pé vivendo o dever,  
Serve a todos com bondade,  
É um exemplo de serviço,  
E um símbolo de humildade.

Muita vez, pisado a esmo,  
Escuro, banhado em lama,  
Permanece em seu lugar,  
Não se irrita, não reclama.

Findo o esforço rude e longo,  
Ao rebrilhar do edifício,  
Pouca gente lhe recorda  
O trabalho e o benefício.

O quadro é singelo e pobre,  
Mas rara é a lição assim -  
O benfeitor olvidado,  
Que é fiel até o fim.

Além disso, o ensinamento,  
Em suas exposições,  
Apresenta aos aprendizes,  
Duas belas sugestões.

Diz a primeira que um dia  
Deveremos esperar,  
Agir sem qualquer andaime,  
Na vida particular...

\*

Indaga-nos a segunda,  
Se já fomos para alguém,  
O andaime silencioso  
Que ajuda a fazer o bem.

## O BANHO

Casimiro Cunha

Dos preceitos da higiene,  
Fonte clara do vigor,  
Destaca-se, em qualquer tempo,  
O banho confortador.

Depois da viagem longa,  
Findo o esforço, cada dia,  
Renovam-se, ao banho calmo,  
A paz, a força, a alegria.

A própria vida aconselha,  
Por vibrar, forte e louçã,  
O contacto da água pura,  
Ao começar da manhã.

No trato vulgar do mundo,  
À frente da humanidade,  
O corpo mais nobre e belo  
Não se esquiva à sujidade.

Mais além há fumo e lama;  
Mais aquém, há lixo e poeira;  
Todo o corpo participa  
Do suor e da canseira.

As células esgotadas,  
Em ânsias de dor e morte,  
Requerem alguma coisa  
Que as ajude e reconforte.

Eis que surge o banho amigo,  
Com recursos sempre iguais,  
A água cariciosa  
Tem carinhos maternos.

Depois dele o alívio santo,  
A bênção ditosa e pura,  
A paz regeneradora  
Ao corpo da criatura.

Assim também, nossas almas,  
Em serviços contra o mal,  
Nunca podem prescindir  
Do banho espiritual.

Luta a luta, dia a dia,  
Levemos o coração  
Às águas do Pensamento  
Para o banho na Oração.

## **O BARRICACHO**

**Casimiro Cunha**

Por vezes, na atividade  
Das viagens, do transporte,  
O animal em disparada  
Promete desastre e morte.

Por mais que sustenha a rédea  
E colabore o cocheiro,  
Em tudo, paira a ameaça  
De rumo ao despenhadeiro.

Trabalhos imprescindíveis  
Sofreriam dilação,  
Se o condutor não agisse  
Com firmeza e precisão.

Antecipando o terror  
Da descida, abismo abaixo,  
O montador ou o cocheiro  
Recorrem ao barbicacho.

Reage o animal teimoso,  
Rebela-se e pinoteia,  
Mas tudo cessa de pronto,  
Na abertura da correia.

Se busca saltar de novo  
Sob fúria mais violenta,  
Eis que lhe vaza a boca  
Espuma sanguinolenta.

De queixo posto no entrave,  
Qualquer coice dado a esmo,  
Se pode ofender os outros,  
Dói muito mais nele mesmo.

Em pouco tempo o rebelde,  
Agora sem mais descanso,  
Trabalha tranqüilamente  
Humilde, bondoso e manso.

Assim, também muita gente  
Em falsa compreensão,  
Ao invés de trabalhar,  
Faz queixa e reclamação.

\*

Contudo, à beira do abismo,  
Antes da queda ao mais baixo,  
Recebem os linguarudos  
As bênçãos de um barbicacho.

## O BARRO E O OLEIRO

Casimiro Cunha

É um exemplo de bondade  
O esforço nobre do oleiro,  
Cuja grande atividade  
Tem a base no lameiro

Muitos sentem aversão  
Por sua tarefa hostil,  
Dedicada, dia e noite,  
Ao barro nojento e vil.

Seu trabalho é quadro rude  
Que a lama invade e não poupa,  
É barro, por toda a parte  
No rosto, nas mãos, na roupa.

Seu serviço é tão ingrato  
Junto à massa indefinível,  
Que a tarefa mais parece  
Um sofrimento invencível.

Mas todo barro mais pobre,  
Ao toque do seu amor,  
Fornece os vasos divinos  
De formosura e valor.

Quanto mais tempo e trabalho,  
Mais triunfa, mais se ufana...  
E vemos a lama escura  
Transformada em porcelana.

Além dessas jóias raras  
De sublimes expressões,  
É o oleiro quem dá corpo  
Às vossas habitações.

O tijolo faz a casa,  
A telha cobre a mansão,  
O homem ganha o seu lar  
Que é templo do coração.

Nas estradas de miséria,  
Não mais éramos que lama,  
E eis que o Mestre no Evangelho  
Nos esclarece e nos chama.

\*

O Cristo é o Divino Oleiro  
Que opera com perfeição;  
Somos nós o barro vil,  
Guardado na sua mão.

## O BOTÃO

Casimiro Cunha

Na extrema delicadeza  
Da verdura perfumosa,  
Destaca-se pequenino  
O tenro botão de rosa.

Não há sinal de corola,  
Vê-se apenas que começa  
A surgir a flor divina  
Num cálice de promessa.

E às vezes, nas alegrias  
De doce festividade,  
Espera-se pela rosa  
No caminho da ansiedade.

Deseja-se a flor robusta  
Com que se adorne a beleza,  
Mas não há lei que perturbe  
Os passos da Natureza.

É certo que toda rosa,  
Como jóia de paisagem,  
Nunca pode prescindir  
Do zelo da jardinagem.

Precisa tempo, entretanto,  
Na sombra e na claridade,  
Requerendo orvalho e sol,  
Noites, chuva, tempestade.

Por crescer, pede cuidado  
Nos inícios da existência,  
Mas, morrerá com certeza  
A golpes de violência.

Assim, também, quase sempre,  
A muita crença em botão  
Tentamos impor, à força,  
A nossa compreensão.

Toda crença é patrimônio  
Que não surge improvisado;  
É a rosa da experiência,  
Em terras do aprendizado.

\*

Se tua alma vive em festa,  
Na fé que pratica o bem,  
Ajuda, coopera e passa...  
Não busques torcer ninguém.

**O CAJADO**

**Casemiro Cunha**

Quem faça viagem longa,  
Se é prudente e ponderado,  
Jamais pode prescindir  
Do concurso de um cajado.

Conduzir arma de fogo  
Ultrapassa a obrigação,  
Evite-se a qualquer preço  
A morte e a destruição.

Entretanto, é indispensável,  
Nas surpresas do caminho,  
Que se guarde alguma coisa  
Contra a pedra, contra o espinho.

O bordão é companheiro,  
Não se aflige, não se assusta;  
Permanece na defesa  
Do esforço da causa justa.

Pode agir sem destruir,  
Cede apoio com proveito,  
Prestativo, atencioso,  
Infunde calma e respeito.

Desvia o curso à serpente,  
Traça rotas, vence o mato,  
Em todas as latitudes,  
O bordão é herói no tato.

Sonda o leito do caminho,  
Pratica a verdade e o bem,  
Onde há fogos e perigos,  
Informa como ninguém.

Com seu auxílio é possível  
Prosseguir e caminhar,  
O próprio cego dos olhos  
Não precisa estacionar.

Reparando-se, porém,  
No ensino a que o quadro alude,  
A jornada é nossa vida,  
O bordão, nossa atitude.

\*

Segue honesto, a passo firme,  
De espírito sossegado,  
Não sofras pelo dinheiro,  
Mas conserva o teu cajado.

## O CAMPO E O JARDIM

Casemiro Cunha

Nas lutas de cada dia,  
Nas estradas da existência,  
Lembra que o campo e o jardim  
São pontos de referência.

Um é a esfera de trabalho  
Que fica estranha ao teu lar,  
O outro é a intimidade  
Da vida particular.

No primeiro é a mão de Deus  
Que decide com grandeza,  
Na harmonia inescrutável  
Das forças da Natureza.

No segundo é a criatura,  
Que, usando elementos seus,  
Ganha a vida, usufruindo  
Os opimos bens de Deus.

O campo eterno, infinito,  
Vai de um mundo a outros mundos,  
É a vibração do universo,  
Em seus problemas profundos.

O jardim é a casa amiga,  
Pobre ou rica, sempre boa,  
É a bela oportunidade  
Da luta que aperfeiçoa.

As penas, as amarguras,  
De um lar de trabalho e dor,  
São trilhas que dão acesso  
Ao bem santificador.

Quem não zele seu jardim,  
Com sacrifício e bondade,  
Mui longe está de atender  
No campo da humanidade.

Entretanto, vemos homens,  
Herdeiros dos fariseus,  
Que já pretendem ser anjos,  
Sem serem bons para os seus.

\*

Se queres segar o campo  
Da luz e do amor sem fim,  
Não descuides um minuto,  
Das coisas do teu jardim.

## O CARRO

**Casemiro Cunha**

Nos problemas de viagem  
Por vencer qualquer distância,  
Todo carro requisita  
Esforços de vigilância.

Antes de tudo, atendendo  
As lições da Natureza,  
Não se pode prescindir  
Dos detalhes da limpeza.

O carro é prestigioso,  
Mas, no longo das estradas,  
Pede amparo da prudência,  
Nos serviços, nas paradas.

Aqui, reclama remendo,  
Mais além um parafuso,  
Todo o zelo é necessário  
Preservando-se do abuso.

De quando em quando, é preciso  
Exame calmo e acurado,  
Cada peça solicita  
Carinho, atenção, cuidado.

Ferramentas, graxa e óleo  
Requisitam provisões;  
Somente o bem da reserva  
Remedeia inquietações.

Sem isto, qualquer jornada  
Vale por louca aventura,  
Que termina comumente  
No desastre da loucura.

O carro mais reforçado,  
À desídia do cocheiro,  
Abandona o rumo certo,  
Resvala ao despenhadeiro.

No mundo assim também é:  
O homem, na humanidade,  
É o viajor desmandando  
As luzes da eternidade.

\*

A experiência é a viagem,  
O carro é teu organismo:  
Quem descuide o próprio corpo  
Precipita-se no abismo.

## O CEMITÉRIO

Tristeza, luto e silêncio,  
Desolação e amargor.

**Casimiro Cunha**

O quadro de um cemitério  
Inspira saudade e dor.

Aqui, lápides custosas,  
Ali, raros mausoléus,  
Anjos de pedra apontando  
A cúpula azul dos céus.

Além sepulturas pobres,  
Sem o mármore das lousas,  
Que se confundem sem palmas  
No seio comum das coisas.

Em uns, a ambição pomposa  
Que se estende à própria morte;  
Em outros, o esquecimento,  
Contrastes das mãos da sorte.

Mas em todos os recantos,  
A realidade é a lição  
Do túmulo: o estojo triste  
De sombras e podridão

E o cemitério descansa  
Em triste serenidade,  
Assinalando em silêncio  
O fim de toda a vaidade.

No entanto, entre as cruzes mortas,  
Sobre corpos verminados,  
A primavera traz lírios  
Risonhos e perfumados.

Cantam rosas de alegria  
Sobre as dores da tristeza;  
O cipreste enfeita os dias  
E as noites da Natureza.

Cartilha Da Natureza

Já observaste? No mundo,  
Nos trilhos mais viciados,  
Temos sido muitas vezes  
Como "túmulos caiados".

Mas Jesus que é o Jardineiro  
Da paz, do amor, da bonança,  
Faz florir em nossas trevas  
Seus caminhos de esperança.

## O CIPÓ

**Casimiro Cunha**

Sobre a árvore frondosa  
Que mostra calma infinita,

Abraçada ao tronco forte  
Lá se vai o parasita.

Não atinge o cerne, a seiva,  
Mas buscando a copa, as flores,  
Enrodilha-se, teimoso,  
Nas cascas exteriores.

Agarrado tenazmente,  
Vai subindo vagaroso,  
Alcançando o cume verde  
Do arbusto generoso.

Aboletados nos cimos  
Do castelo de verdura,  
O cipó audacioso  
Aparenta grande altura.

Deita flores opulentas  
De expressão parasitária,  
Avassalando a nobreza  
Da árvore centenária.

Recebe os beijos do sol,  
Embala-se na ternura  
Da carícia perfumosa,  
Da brisa mais alta e pura.

Mas, vem o dia em que o Pai,  
Na lei de renovação,  
Chama o tronco nobre e velho  
As bênçãos da mutação.

É aí que o cipó vaidoso  
Demonstra o que não parece,  
Voltando ao pó do chão duro,  
Para as zonas que merece.

Quanta gente brilha ao alto,  
E, no fundo, inspira dó?  
Há milhões de criaturas  
Vivendo como o cipó.

\*

Jamais olvides a lei  
De trabalho e obrigação,  
Não queira mostrar-te ao alto  
À custa do teu irmão.

## O CUPIM

**Casemiro de Abreu**

Causa pena olhar o campo

Quando pobre de verdura,  
Sofre a terra a intromissão  
Do cupim que a desfigura.

Debalde a vegetação  
Se estende em ramaria,  
O solo não apresenta  
A mesma fisionomia.

O cupim obstinado  
Multiplica-se em rebentos,  
Parece que o chão se cobre  
De tumores pustulentos.

Em vão, a chuva convida  
Às forças de produção,  
Debalde o Sol traz a luz  
De paz e renovação.

Não faltam bênçãos do Céu  
Que atendam aos dons da vida,  
Mas a terra permanece  
Desolada e ressequida.

O cupim vai provocando  
Estrago, calamidade,  
E o campo mostra ruínas,  
Miséria, esterilidade.

Às vezes são necessários  
Muito esforço, muitas dores,  
Por expulsar a família  
Dos insetos invasores.

Sem trabalhos decididos  
Por parte da agricultura,  
O cupim transforma a terra  
Numa extensa sepultura.

Lembremos, vendo esse quadro  
Da esfera dos lavradores,  
As almas avassaladas  
De idéias inferiores.

\*

Sê forte em qualquer trabalho,  
Cada luta é uma lição.  
Tristezas e desalentos  
São cupins no coração.

## O DESPERTADOR

Casimiro Cunha

O relógio é o grande amigo  
Na vida da criatura;  
Acompanha-lhe a viagem  
Desde o berço à sepultura.

Metódico, dedicado,  
Movimentando os ponteiros,  
Marca os risos infantis  
E os gemidos derradeiros.

Revela oportunidades,  
Mostra a bênção do minuto,  
Indica tempo à semente,  
Como indica tempo ao fruto.

Mas de todos os relógios  
Que atendem cheios de amor  
É justo salientar  
O amigo despertador.

Quando alguém dorme ao cansaço,  
Ele vibra, ajuda e vela,  
Ritmando o tique-taque,  
Tem coisas de sentinela.

Na hora esperada e justa,  
Pontual, invariável,  
Chama à luta o companheiro  
Em bulha desagradável.

O seu barulho interrompe  
O repouso desejado,  
Acorda-se quase à força,  
Levanta-se estremunhado.

Mas, somente ao seu apelo,  
Há lembrança dos serviços,  
Buscando-se incontinenti  
A zona dos compromissos.

Assim, na vida comum,  
Nas lutas de redenção,  
Todo o tempo é precioso  
Em qualquer situação.

Mas o tempo que nos fere,  
Em provas, serviço e dor,  
É o melhor de todos eles,  
É o nosso despertador.

## O DIA

**Casemiro Cunha**

O dia é o bom companheiro  
Que, enquanto a sombra se esvai,

Cada manhã, abre as portas  
Das bênçãos de Nosso Pai...

Haja guerras entre os homens  
De sentimentos mesquinhos,  
O dia chega espalhando  
Luz e vida nos caminhos.

Começa o rumor amigo  
Da enxada, dos bois, do malho:  
É a casa de Deus vibrando  
Em cânticos de trabalho.

Generoso, claro e alegre  
Vem do céu e atento a isso,  
Fornece a todos os ensejo  
Do espírito de serviço.

Que vale um dia? Interroga  
Quem não sabe ter vontade;  
Mas, cada dia é caminho  
Na esfera da eternidade.

Quem não saiba aproveita-lo,  
Entregue à preguiça vã,  
Cria espinhos escabrosos  
Para a estrada de amanhã.

O dia é o mestre do esforço,  
Que, com carinho e com arte,  
Atende bondoso a tudo,  
Trabalhando em toda a parte.

Feliz quem lhe segue a rota  
Desde a luz do amanhecer,  
Fazendo quanto possível  
Nos quadros do seu dever.

Ai da preguiça que dorme,  
Que se esconde de mansinho!  
Deixemo-la sepultada  
Nas penumbras do caminho.

\*

Se queres felicidade  
Em paz e sabedoria,  
Evita as indecisões,  
Trabalha, seguindo o dia!

## O DIAMANTE

**Casimiro Cunha**

No serro desamparado  
Que chama ao suor e à luta,  
O diamante luminoso

Descansa na pedra bruta.

Por conquistá-lo é preciso  
Vencer enorme aspereza,  
Eliminando os percalços  
Que surgem da Natureza.

Sobretudo, é imprescindível  
Estudar todo o cascalho,  
Sem desprezar-lhe a dureza  
No espírito do trabalho.

Longo esforço, longa espera,  
Serviço e compreensão,  
Tudo isso é indispensável  
Ao bem da lapidação.

Ao preço de luta ingente,  
A pedra sonha e rebrilha.  
É a divina descoberta  
Da gota de maravilha.

Pouca gente lembrará  
Que a jóia de perfeição  
Constitui a experiência  
Dos átomos de carvão.

A princípio, não passava  
De míseros fragmentos  
De carbono desprezível  
Na força dos elementos.

Nas grandes transformações,  
Viveu obscura e ao léu,  
Mas, agora, é flor de luz,  
Refletindo a luz do céu.

Quem não vê na jóia rara,  
Sublimada e soberana,  
A história maravilhosa  
Dos caminhos da alma humana?

\*

Nos serros da Humanidade  
Que a ignorância domina,  
Cada ser guarda o diamante  
Da Consciência Divina.

## O ESTERCO

**Casimiro Cunha**

O esterco que espalha o bem,  
Vive em luta meritória;  
Se é pobre, tem seu proveito,

Seu caminho, sua história.

Quase sempre, chega aos motnes  
Dos redis e dos currais,  
Escuros remanescentes  
Da esfera dos animais.

De outras vezes, vem das zonas  
De imundície e esquecimento,  
Onde a vida se transforma  
Em triste apodrecimento.

Em outras ocasiões,  
É detrito das estradas,  
Lixo estranho e nauseabundo  
Das taperas desprezadas.

É a decadência das coisas,  
No resumo do imprestável,  
Fase rude e dolorosa  
Da matéria transformável.

Em síntese, todo esterco  
É derrocada ou monturo,  
Que das sombras do passado  
Lança forças ao futuro.

Analisando esse quadro,  
Veremos que a podridão  
Vai ser cor, perfume, fruto,  
Doçura e renovação.

Notemos, porém, que a flor  
Vibra ao alto, linda e santa,  
Enquanto o adubo não passa  
Do solo, dos pés da planta.

Na vida também é assim:  
O erro, a miséria, o mal  
Podem ser algumas vezes,  
Esterco espiritual.

\*

Todavia, é necessário  
Que das lutas, através,  
Aproveitemos o adubo,  
Esmagando-o sob os pés.

## O FAROLEIRO

**Casimiro Cunha**

Enquanto o leque da noite  
Agrava a sombra e o perigo,  
A distância, eis que se acende  
O farol bondoso e amigo.

A luz define os caminhos,  
Mostra o vulto dos rochedos,  
Pode o barco prosseguir,  
A treva não tem segredos.

Tudo é noite sobre o abismo,  
Mas na torre existe alguém,  
Atento em manter a luz,  
Disposto a fazer o bem.

É o faroleiro. Em silêncio  
Clareia a amplidão do mar,  
Determina o rumo certo  
E atende sem perguntar.

Navios maravilhosos,  
Em prodígios de conforto,  
Recebem-lhe o benefício  
E seguem, de porto a porto.

Passam barcos de descanso,  
Jangadas laboriosas. . .  
O farol ajuda sempre  
Sem perguntas ociosas.

Todos devem ao farol,  
Do comando ao marinheiro,  
Mas quase ninguém conhece  
As dores do faroleiro.

Por servir e auxiliar,  
Aceita uma condição:  
A vida de insulamento  
Muita vez em privação.

Se ouvirmos as grandes vozes  
Da verdade soberana,  
Na terra acontece o mesmo  
Nos mares da luta humana.

Quem possa trazer mais luz  
Vive em campo solitário,  
Tal qual o Mestre Amoroso  
Da torre em cruz do Calvário.

## O FIO

**Casemiro Cunha**

Nos movimentos da agulha,  
Nas tarefas do tear,  
O fio é muito importante

Na base de todo lar.

Pouca gente lhe observa  
Os valores, vida em fora;  
Na verdade, é companheiro  
Nas lutas de cada hora.

Humilde, tênue, singelo,  
Às vezes quase impalpável,  
Para o pobre, para o rico,  
É matéria indispensável.

Existe em padrões diversos,  
No algodão, em seda, em lã,  
E entre as dádivas do mundo  
É sublime talismã.

E' bênção do amor de Deus,  
Que acompanha a criatura  
Nos campos do mundo inteiro,  
Desde o berço à sepultura.

Entretanto, é alguma coisa  
Muito frágil, muito leve,  
Cuja trama delicada  
Nosso lápis não descreve.

Por ele, milhões de seres,  
No espírito do trabalho,  
Encontram caminho e vida,  
Luz e paz, força e agasalho.

Olha o fio pobre e simples!  
Que lição útil e bela!...  
E' tesouro do caminho,  
Mas parece bagatela.

Observando-o, recordo  
As glórias e fins supremos,  
Do tempo que é luz divina,  
Neste instante que vivemos.

\*

O segundo é gota humilde,  
O século é vasto rio ...  
Vive em Deus cada momento  
Que o minuto é nosso fio.

## O GRANDE RIO

**Casemiro de Abreu**

Em marcha laboriosa,  
No sulco amplo e sombrio,  
Profundo e silencioso  
Eis que passa o grande rio.

Ao seu seio dadivoso,  
Afluem fontes da serra,  
Ribeiros de níveis altos,  
Detritos de toda terra.

O rio mais elevado  
Desce os montes à procura  
De sua paz generosa  
Na marcha calma e segura.

Por saber harmonizar-se  
Nos bens do mais baixo nível,  
Conserva toda a imponência  
Da grandeza indefinível.

Faz caminhos gigantescos,  
Cria povos eminentes,  
É ele quem leva ao mar  
As águas dos continentes.

É pai das economias  
De todo o humano labor,  
Mas quase ninguém se lembra  
Dessa dívida de amor.

Que importa, porém? O mundo  
É o homem que esquece e cai,  
Sem ver a missão do bem,  
Nas bênçãos do próprio Pai.

O grande rio conhece  
A luz desse imenso arcano  
Sobre o nível mais humilde  
Busca a força do oceano.

Assim também a alma grande,  
Nas últimas posições,  
Recebe as ânsias de paz  
De todos os corações.

\*

Em dores silenciosas,  
É o grande rio que vai,  
Dando o bem a todo o mundo,  
Em busca do amor do Pai.

## O INCÊNDIO

**Casimiro Cunha**

Elevam-se labaredas. . .  
O fogo ameaçador  
Foi centelha, mas agora  
É incêndio devorador.

Ninguém lhe conhece a origem  
Obscura, nebulosa,  
Ninguém sabe onde se oculta  
A mão rude e criminosa.

A fogueira continua  
Buscando mais alto nível,  
Aumentando de extensão  
Quando ganha em combustível.

Estalam antigos móveis,  
Prosseguem a destruição;  
Em torno anseio infinito,  
Amarga desolação.

Língua rubra, formidanda ,  
Varre agora a cumieira.  
Toda a casa se esboroa. . .  
Sob a ação dessa fogueira.

Desdobra-se o nobre esforço  
De amparar e socorrer,  
A bondade põe-se em campo,  
Ciosa do seu dever.

Entretanto, embora o auxílio  
Dos trabalhos de emergência,  
A nota predominante  
É o carvão da experiência.

Assim é o mal neste mundo:  
A princípio, sem que doa,  
Envolve a perversidade  
Em forma de coisa a toa.

Depois, é o braseiro extenso,  
O furor incendiário,  
Que atinge distância enorme  
Com a lenha do comentário.

Vigia-te a cada instante,  
Atende, pensa, examina!  
Todo incêndio começou  
Na fagulha pequenina.

## O LIXO

**Casemiro Cunha**

Cada dia, a residência  
Que a higiene ensine e ajude,  
Lança fora todo o lixo

Na defesa da saúde.

Grandes cestos, grandes latas,  
Guardando detrito escuro,  
Enchem grandes carroçadas  
Que seguem para o monturo.

Contemplando o movimento,  
Lembremos que a sujidade,  
Muita vez foi qualquer coisa  
Em plano de utilidade.

Roupa usada, vestes rotas,  
Velhas peças carunchosas,  
Em outros tempos já foram  
Queridas e preciosas.

Ornatos apodrecidos,  
Tristes relâmpagos sem lume,  
Conheceram muitas vezes  
Festa e luz, vida e perfume.

Resumem, contudo, agora,  
O lixo que não convém,  
Escuro e pernicioso,  
Contrário à saúde e ao bem.

Para ele, em todo o mundo,  
A casa nobre e educada  
Reserva, cada manhã,  
A bênção da vassourada.

Se não tem função de esterco,  
Junto à terra menos rica,  
Vai ao fogo generoso,  
Que renova e purifica.

Na esfera de ensinamento  
Da verdade sempre igual,  
O lixo personifica  
A estranha expressão do mal.

\*

Escuta! Se o bem de ontem  
Hoje é mal e sofrimento,  
Não deixes de procurar  
Os cestos do esquecimento.

## O LUAR

**Casimiro Cunha**

Nas bênçãos de paz da noite,  
Talvez a maior beleza  
Seja o luar que se espalha  
Na vida da Natureza

O campo dorme em silêncio,  
E o luar na estrada em flor  
Distribui com toda a planta  
O orvalho confortador.

Do céu alto manda brisas  
Alegres e perfumadas  
Beijar as folhas mais pobres,  
Tristonhas e abandonadas.

Por todo o lugar desdobra  
Sua luz aberta em palmas,  
Afiando as esperanças  
Do divino amor das almas.

Em toda parte onde exista  
O anseio de um coração,  
Ensina o carinho amigo  
Do alfabeto da afeição.

Desde os tempos mais remotos,  
O luar, pelas estradas,  
Foi tido como padrinho  
Das almas enamoradas.

Ao nosso ver, todavia,  
Nas grandes lições do mundo,  
Sua imagem representa  
Simbolismo mais profundo.

Sua luz mantém na noite  
A mais nobre das disputas,  
Não cedendo à treva espessa  
As poses absolutas.

Entre os homens deste mundo,  
O mal, o crime e o ateísmo  
Tudo ensombram provocando  
A noite de um grande abismo.

Mas a esperança resiste  
E acende na noite imensa.  
A luz clara e generosa  
Do eterno luar da crença.

## O MALHADOURO

**Casimiro Cunha**

Na época dadivosa  
Da colheita cor-de-ouro,  
É tempo de conduzir  
Cereais ao malhadouro

Espigas maravilhosas  
Vêm às mãos do tarefeiro,  
Aglomerando-se em busca  
Da secagem no terreiro

Antigamente eram flores  
Mostrando verdura e viço;  
Agora, a compensação  
Que se reserva ao serviço.

Mas por ser o resultado,  
A garantia, o futuro,  
O grão rico e generoso  
Precisa ser nobre e puro.

O lavrador cuidadoso  
Organiza providências,  
É necessário excluir  
As últimas excrescências.

Inicia-se a limpeza,  
Servidores a malhar,  
No espaço o longo assobio  
De varas cortando o ar.

São precisos golpes rudes,  
Bordoadas no bom grão,  
Por conferir-lhe a grandeza  
De servir, além chão.

Depois disso, alcança a glória  
De amparar o lavrador,  
A alegria de prover  
Em nome do criador.

Se ao longo de tua vida  
Sentes choques mangual,  
É que estás em madureza  
No campo espiritual.

Não fujas ao malhadouro,  
Guarda paz e vigilância:  
Que a luta nos roube agora  
Os restos da ignorância.

## O MAPA

**Casemiro Cunha**

Nos serviços necessários  
A qualquer expedição,  
O mapa é bondoso guia,

Servindo à orientação.

E' sempre o mentor fiel,  
Evitando o erro, a fossa,  
E' a força da experiência  
Que passou antes da nossa.

Por obter-lhe o concurso,  
Houve lágrimas, suor,  
Sofrimentos, sacrifícios,  
Misérias, ruínas, dor.

Por traça-lo, muitas almas  
Gemeram desconhecidas...  
Certos mapas representam  
Muitas mortes, muitas vidas.

O espírito estacionário,  
Paralítico, inferior,  
Embora lhe guarde o ensino,  
Desconhece-lhe o valor.

Mas aquele que aproveita  
O ensejo de cada dia,  
Consulta e atende ao roteiro  
Em paz e sabedoria.

Sabendo-se viajor  
Nos caminhos da existência,  
A carta de indicações  
Dirige-lhe a experiência.

Estudando-a, com razão,  
Vê-se intrépido e seguro,  
Quem vigia no presente  
Tem reservas no futuro.

No Mapa dos Corações,  
Jamais esqueçamos disto:  
O roteiro do Evangelho  
Custou muito esforço ao Cristo.

\*

Sigamo-lo com carinho  
Em nossa oportunidade.  
Estamos a percorrer  
As sendas da eternidade.

## O MAR

**Casimiro Cunha**

Na expressão profunda e viva  
Das forças da Natureza  
Eis que o mar a tudo excede  
Em formosura e grandeza.

Nos seus abismos trabalham  
Milhões de laboratórios,  
De onde nascem para a vida  
As larvas e os infusórios.

As almas se modificam,  
Renova-se o esforço humano,  
Mas é sempre inalterada  
A oficina do oceano.

Desde os primórdios do tempo  
De sua edificação,  
A sua finalidade  
É a força da criação.

Foi nas águas generosas  
De seu seio almo e fecundo,  
Que alcançaram nascimento  
As formas de todo o mundo.

Depois de sagrar a vida,  
Eis que opera em todo o dia,  
Fazendo as nuvens da chuva,  
Que alenta, renova e cria.

Deus concedeu-lhe a grandeza  
De ser profundo e inviolável,  
Protegendo-lhe a missão  
Do equilíbrio inalterável.

Com a sua dominação  
Esplêndida e solitária,  
É fator de ordem perfeita  
De toda a lei planetária.

É o testemunho fiel,  
De Deus em nossa existência,  
Dando o ensino da equidade  
Que nasce da providência.

\*

Mas se pode demonstrar  
Tão grande revelação,  
É que o lugar onde os homens  
Não podem meter a mão.

## O MÁRMORE

**Casimiro Cunha**

No gabinete isolado  
Dos serviços de escultura,  
Há muita coisa que ver  
Com a vida da criatura.

O mármore chega em bloco  
Dos centros da Natureza,  
Em trânsito para o campo  
Do espírito e da beleza.

É pedra, vai ser tesouro;  
É rude, vai ser divino;  
Todavia, não se sabe  
Quando chega ao seu destino.

Golpe aqui, golpe acolá,  
O artista começa a luta,  
É o sonho maravilhoso  
Amando a matéria bruta.

As arestas vão caindo...  
É a carícia do martelo,  
Desponta o primeiro traço  
Vigoroso, firme e belo.

O cinzel fere e desbasta,  
E, às vezes, pede o formão.  
O artista prossegue atento  
Dando vida à criação.

Golpes fundos, ferimentos...  
Mas, eis quando se aproxima  
O termo do esforço longo  
Na aquisição da obra prima.

Depois, é a jóia formosa,  
De valor alto e profundo,  
Que as fortunas de milhões  
Não podem fazer no mundo.

Esse mármore da Terra,  
No fundo, é qualquer pessoa,  
O artista, é o tempo, e o cinzel,  
A luta que aperfeiçoa.

\*

Quando os golpes de amargura  
Te cortarem o coração,  
Recorda o cinzel divino  
Que dá forma e perfeição.

## O MILHARAL

**Casemiro Cunha**

O milharal nos parece,  
Do caminho que o sol doura,  
Uma esperança de Deus  
Sobre as bênçãos da lavoura.

Além disso, representa  
Uma elevada oficina,  
Da nobre lei do trabalho  
Que o Pai de Amor nos ensina.

Deus dá tudo: a terra, o ar,  
As chuvas e os instrumentos,  
Indicando o tempo próprio  
Com a força dos elementos.

Manda o homem, que é seu filho,  
Cuidar da terra que é sua  
E esse filho convocado  
Guia o traço da charrua.

Germina a semente amiga,  
Mas até que dê seus frutos,  
Exige muitos cuidados,  
Constantes e absolutos.

Em seguida, o céu concede  
A espiga amada e perfeita,  
Pedindo as dedicações  
Nas tarefas da colheita.

Vem logo a descascadura,  
Depois o debulhador,  
E o moinho em movimento  
Nas lides do lavrador.

Somente agora o celeiro  
Guarda as forças do bom grão,  
A esperança carinhosa  
Da véspera de seu pão.

E' um ensino generoso  
Que a leira de milho encerra,  
Um quadro de exemplo amigo,  
Das lutas de toda a Terra.

\*

Deus palpita em toda a parte,  
Nada faz ou cria a esmo,  
Mas pede em tudo a seu filho  
A elevação de si mesmo.

## O OÁSIS

**Casimiro Cunha**

Em torno, o despovoado,  
Os lençóis de areia ardente...  
O viajor vive o seu drama

Doloroso e comovente.

Nenhuma vegetação,  
Nem a benção de uma fonte,  
O quadro é desolador,  
Embora a luz do horizonte.

Cansado de sede e fome,  
Sofre e sua, sonha e chora,  
Desde a aurora rutilante  
Às promessas de outra outrora.

Pede em vão, suplica a esmo,  
No auge das aflições,  
Guardando na alma ansiedades,  
Angústias, recordações.

O vento levanta a areia,  
Desfigurando as paisagens,  
E o pobre sorri chorando  
Na carícia das miragens.

Concentra-se, avança mais,  
Quase morto de alegria;  
Contudo, desfaz-se a tela  
Dos planos da fantasia.

Arrasta-se amargamente,  
Ralado de desventura,  
Mas, na última esperança,  
Surge um canto de verdura.

É o oásis que o Senhor,  
Atento à nossa viagem,  
Mandou para os caminheiros  
Que persistam na coragem.

Nos trabalhos deste mundo,  
Em rumo obscuro, incerto,  
Muita vez encontrarás  
Inclmências do deserto.

\*

Deus vela. Prossegue a luta,  
Sem lamento, sem gemido...  
Atingirá, talvez hoje,  
O oásis desconhecido.

## O ORVALHO

**Casimiro Cunha**

Se a chuva pode tardar,  
Há sempre a bênção do orvalho,  
Sustentando a Natureza

No campo do seu trabalho.

Ao termo de cada noite,  
Nas auroras coloridas,  
Podemos felicitá-lo  
Nas ervas agradecidas.

A planta nunca descrê;  
Espera, trabalha e dá.  
Na luta jamais se esquece  
Que o Pai não a esquecerá.

Se o ano é de chuva escassa  
Para o bem das produções,  
Muitas vezes basta o orvalho  
Na força das estações.

Ao seu beijo a terra espera,  
A folha volta ao verdor,  
A flor ostenta-se em festa,  
O dia é renovador.

Nas forças da Natureza,  
O orvalho é como o sorriso  
Que desce diariamente  
Das bênçãos do paraíso.

Seu hálito carinhoso  
Ameniza a atmosfera;  
No verão mais sufocante  
É filho da primavera.

É sempre um fraterno amigo,  
Um símbolo de defesa,  
Do bem entre as forças várias  
Que oprimem a Natureza.

A nós outros, ele ensina,  
No efeito de sua ação,  
Quanto pode conseguir  
A boa disposição.

Sorrisos, calma, bondade,  
Prudência, paz, bom humor,  
São em tudo o brando orvalho  
Da altura do nosso amor

## O PÂNTANO

**Casemiro de Abreu**

É um quadro sempre inquietante  
Que inspira pena e cuidado

Quando vemos no caminho  
O pântano abandonado.

Enquanto, em redor de si,  
Há cantos que a vida entoam,  
Ele espera ansiosamente  
O esforço que aperfeiçoa.

Todo o ar é pestilento  
Em sua fisionomia,  
Nos seus bancos lamacentos,  
Ninguém descansa ou confia.

Muitos poucos se aproximam  
Do barro de sua imagem;  
É ferida cancerosa  
No organismo da paisagem.

Mas, um dia, o lavrador  
Dá-lhe atenção, dá-lhe drenos,  
E o pântano desolado  
É o melhor dos seus terrenos.

Onde havia lodo e lama,  
Águas sujas e amargas,  
Os legumes são mais ricos,  
As flores mais perfumosas.

Essas terras desprezadas,  
Tão pobres e desiguais,  
Ensinam, em toda parte,  
Que Deus é o melhor dos pais.

Entre as quedas dolorosas,  
Nos erros e nos desvios,  
Nós somos, na Criação,  
Pontos tristes e sombrios.

Nossa idéia de virtude,  
A mais bela em sentimento,  
É a que nasce nos monturos  
Da lama do sofrimento.

\*

Deus, porém, que é o Pai Amigo,  
Jamais nos deixou a sós,  
Jesus é o bom lavrador,  
E o pântano somos nós.

## O PÃO

**Casimiro Cunha**

Em casa, chega o momento

Destinado à refeição. . .  
Raro aquele que recorda  
A história de luz do pão

Quase sempre, vem de longe,  
Das zonas do campo em flor  
Oferecer-se à criatura  
Em nome do Pai de Amor.

Foi semente sepultada  
Na terra ferida e escura,  
Ressuscitando em seguida  
Nas belezas da verdura.

Suportou lutas amargas,  
Noites ásperas, sombrias,  
Recebendo chuva e sol,  
Tempestades, ventanias.

Adornou-se em primavera,  
Risonha, sublime, eleita,  
E entregou-se alegremente  
Ao segador na colheita.

Padeceu processos vários,  
Viveu peregrinações,  
Desde a ceifa rude e longa,  
Ao prato das refeições.

Conforme reconhecemos,  
Esse pão, quase sem nome,  
É dádiva do Criador,  
Que vem mitigar a fome.

Mensageiro humilde e santo  
De carinho e de bondade,  
É o laço entre a Providência  
E a nossa necessidade

O amor e a abnegação  
Resumem-lhe a bela história;  
O espírito de serviço  
É a vida de sua glória.

Coração que sofre amando  
Na fé sublime e sem jaça,  
Vai ser pão na Mesa Augusta  
Dos Bens da Divina Graça.

## O POÇO

**Casemiro de Abreu**

Quem segue ao sol calcinante,  
Com sede desesperada,  
Rende graças ao Senhor,  
Achando um poço na estrada.

O quadro agreste, por vezes,  
Não tem abrigo nem fonte,  
Raras árvores se alinham,  
Perdendo-se no horizonte.

Em meio à desolação,  
Entre o calor e a secura,  
A cisterna dadivosa,  
Guarda a bênção da água pura.

Há poços de toda idade,  
Bem calçados, mal assentes,  
Mais rasos e mais profundos,  
Em dimensões diferentes.

No seu íntimo, entretanto,  
Trazem todos a água amiga,  
Que socorre aos que sucumbem  
De desânimo e fadiga.

Quem tem sede se aproxima  
Com cuidado e gratidão,  
E dispensa ao poço humilde,  
Sempre a máxima atenção.

Lançando o copo ansioso,  
Sem notar os sacrifícios,  
Evita a poeira ou o lodo,  
Que anulem os benefícios.

E sorve esse orvalho santo  
Que vem da terra imperfeita,  
Com o júbilo generoso  
De uma oração satisfeita.

\*

No mundo, o mesmo acontece:  
Nas agruras do caminho,  
Cada qual pode apelar  
Às posses do seu vizinho.

Mas, se agita a lama em torno,  
Como quem fere e escabuja,  
O poço apesar de bom,  
Só pode dar-lhe água suja.

## O POSTE

**Casemiro de Abreu**

No quadro que te rodeia,  
Em pleno bem destacado,  
Hás de ver no poste humilde  
Um servidor devotado.

Encontra-se em toda parte,  
Com a decisão de quem zela,  
Na cidade mais formosa,  
Na lavoura mais singela.

Conhece o rumo acertado  
Das fábricas, das usinas,  
Coopera nos resultados  
Do esforço das oficinas.

Ao calor do sol a pino,  
Como à frescura do orvalho,  
Sempre firme no seu posto,  
Exemplifica o trabalho.

Atende aos bens do serviço,  
Noite toda, dia inteiro,  
Ampara a luz da avenida,  
Como escura um chuchuzeiro.

Se há lugarejo às escuras,  
Em justa necessidade,  
O poste vence as distancias,  
Em busca da claridade.

Operários sem recursos,  
Para o pão de cada dia?  
Vai direto às quedas d'água,  
À procura da energia.

Auxilia nos transportes,  
Coopera nas ligações,  
Segura avisos na estrada,  
Fornecendo informações.

Não cobra, por seus trabalhos,  
Nem ordenados, nem multa,  
Na sua doce humildade  
É um benfeitor que se oculta.

\*

O poste compele o homem,  
Sem vaidade, sem cobiça,  
A fugir, em qualquer parte  
Dos venenos da preguiça.

## O PRATO

**Casimiro Cunha**

Dentre as coisas mais singelas  
Do lar carinhoso e grato,  
É justo reconhecer  
A doce lição do prato.

Esperando calmamente  
Comensais, em torno à mesa,  
Exemplifica, bondoso,  
A ternura e a gentileza.

Primoroso companheiro  
De humilde e de atenção,  
Por servir a quem tem fome  
Aguarda o partir do pão.

Satisfaz a toda gente,  
Sem sombras de vaidade,  
Não olha conveniência,  
Atende à necessidade.

Por vezes, o comensal,  
A quem o vinho estimula,  
Entrega-se à embriaguez,  
À licença, ao crime, à gula.

Mas o prato está sereno,  
Por fazer e obedecer,  
Permanece em seu lugar,  
Submisso ao seu dever.

Em geral, servem-se dele,  
Sem qualquer preocupação;  
Pouca gente lhe dedica  
O amparo da gratidão.

E se o prato, certo dia,  
Conhece o aniquilamento,  
Não é por ele, é por nós,  
No campo do esquecimento.

Neste símbolo singelo  
De obediência e bondade,  
Sentimos a lei que rege  
O espírito da amizade.

Conserva teu amigo,  
Guarda a luz que recebeste.  
Não desrespeites na vida  
O prato onde comeste.

**O REGADOR**

No trabalho generoso  
Que se impõe ao lavrador,  
Destaca-se a parte ativa  
Que compete ao regador.

Modesto, pronto ao serviço,  
Que se deve à horticultura,  
Atende bondosamente  
A toda sementeira.

Se tarda a chuva amorosa  
Para a leiva ressequida,  
Vem ele silencioso  
E espalha as águas da vida.

É o sublime protetor  
Dos germes por excelência,  
E no esforço que desdobra  
Não conhece preferência.

Não separa ao benefício  
Os lírios da couve-flor,  
Disposto à fraternidade,  
Obedece ao Pai de Amor.

Também não pede à batata  
Que amadureça num dia,  
E exemplifica a esperança  
Em paz e sabedoria.

Amigo da sementeira,  
Espalha a bondade imensa,  
Servindo sem aflições  
E dando sem recompensa.

Esforça-se o ano inteiro,  
Muitas vezes sem intervalo,  
Por cuidar de flores ricas,  
Que nunca virão cuidá-lo.

\*

No campo de ajuda aos outros,  
Atenta no regador,  
Onde o Cristo te conduza  
Prestando assistência e amor.

Não procures resultados,  
Não vivas de inquietação,  
Faze o bem, atenta a vida,  
E espera da evolução.

O doente neste mundo,  
Que deseje melhorar,  
Jamais encontra remédio  
Saboroso ao paladar.

Por ministrar reconforto,  
Fazendo caminho à cura,  
O melhor medicamento  
Tem ressaibos de amargura.

Todo enfermo esclarecido,  
De senso nobre e louvável,  
Já sabe que seu remédio  
Tem gosto desagradável.

Se a memória é renitente,  
Mais áspera e mais revel,  
A justa medicação  
Amarga, sabendo a fel.

Por vezes, a beberagem  
Não basta à restauração,  
É preciso o bisturi  
Na zona de intervenção.

Contra o campo infeccioso,  
Providência compulsória,  
Angústias do pensamento  
Sobre a mesa operatória.

Há remédios variados:  
Purgante, choque, sangria,  
Compressas e pedilúvios,  
Recursos de cirurgia.

Sempre o fel do sofrimento  
Amigo, reparador,  
Tortura que retifica  
A dor que remove a dor.

Se é grande o sacrifício  
No campo da cura externa,  
Pondera sobre o equilíbrio  
Necessário à vida eterna.

Nos dias de grandes dores,  
Vive a fé, guarda-te em calma.  
Grandes males no teu corpo  
São remédios na tua alma.

Entre os bens da Natureza,  
Tem o homem, cada dia,  
No ribeiro claro e manso  
Lições de sabedoria.

Ei-lo que passa sereno,  
Em doce fidelidade,  
Dá vida aos paióis do campo,  
Conforta e limpa a cidade.

Busca as terras desprezadas  
Que nunca tiveram dono,  
Atende as raízes tristes,  
Deixadas ao abandono.

Converte toda tarefa  
Num dom gratuito e suave,  
Mata a sede da serpente,  
Como o faz à flor e à ave.

Cumprindo o labor de sempre,  
Nunca cessa de correr,  
Ensina a perseverança,  
Exemplifica o dever.

Se a chuva lhe traz a enchente,  
Vai além da obrigação,  
Busca a terra deserdada  
E lhe ensina a dar mais pão.

É tão sereno e bondoso,  
Tão amigo e tão perfeito,  
Que não se nega a ajudar  
A mão que lhe muda o leito.

O ribeiro carinhoso  
Não cessa de trabalhar,  
Parece o semeador  
Que saiu a semear.

E vendo que Deus é o dono  
Das sementes multifárias,  
Nunca volta no caminho  
As contas desnecessárias.

\*

Ao homem do mundo inquieto,  
O ribeiro calmo ensina  
Como agir e confiar  
Na Providência Divina.

Quem procura no silêncio  
A inspiração e a beleza,  
Penetra o templo invisível  
Das forças da Natureza.

Jamais sentiste o cansaço  
No excesso de burburinho?  
O silêncio é o companheiro  
Que conhece o bom caminho.

Em seu campo generoso,  
Há tréguas ao pensamento,  
Recebe-se luz sublime  
De verdade e entendimento.

O homem que se mergulha  
Nas vozes do turbilhão,  
Condena-se, muita vez,  
Aos cárceres da aflição.

É preciso, quase sempre,  
Procurar na soledade  
A solução dos problemas  
À luz da serenidade.

Se possível, vai ao plano  
Das árvores carinhosas,  
Onde as coisas falam sempre  
Em notas harmoniosas.

Mas se não podes fugir  
Às zonas de inquietação,  
Procura o silêncio amigo  
Na paz da meditação.

Todos temos em nós mesmos  
Os vales da experiência  
E as montanhas solitárias  
Nos cimos da consciência.

Não te dêes todo aos rumores  
Das lutas de cada hora;  
Que a palavra seja em tudo  
Tua serva e não senhora.

Quando achares no silêncio  
Os segredos da energia,  
Terás penetrado a esfera  
De paz e sabedoria.

Se queres tranqüilidade,  
Bem estar, humor de escol,  
Não deixes de ponderar  
No esforço da luz do sol.

Contra os males do caminho,  
Contra a doença e a tristeza,  
Convém a observação  
Das forças da Natureza.

Esse sol bondoso e franco,  
Que brilha através do abismo,  
E bem a fonte amorosa  
Do trabalho e do otimismo.

Não vacila em seus deveres,  
Tudo chama ao seu calor,  
Derrama por toda a parte  
Os raios de vivo amor.

Há ruínas entre os homens,  
Guerra e sombra entre os ateus?  
Acima de tudo, entende  
O bem do serviço a Deus.

Milênios sobre milênios ...  
E amando os lares e os ninhos,  
Vem o sol diariamente  
Dar vida nova aos caminhos.

Jamais se desesperou  
Ante os pântanos do caos,  
Abraçando o mundo inteiro,  
Ilumina bons e maus.

Aquecendo a casa nobre  
Da metrópole mais bela,  
Não esquece a folha tenra  
Que surge pobre e singela.

Brilha em tudo para todos,  
Sem privilégio a ninguém,  
Encontrando o homem do mal  
Só sabe fazer-lhe o bem.

\*

Esse sol amigo e farto,  
Que revigora e ilumina,  
Retrata em toda a expressão  
A Providência Divina.

Dos serviços da olaria,  
Onde há lama em desconsolo,  
É justo aqui salientar  
As sugestões do tijolo.

Barro pobre e ignorado,  
Extraído em baixo nível,  
A princípio não parece  
Mais que lama desprezível.

Batido, dilacerado,  
Ao peso do amassador,  
É pasta lodosa e humilde  
Do subsolo inferior.

Após o rigor imenso  
De luta grande e escabrosa,  
Levado ao forno candente,  
Sofre a queima dolorosa.

Apagado o fogo rude,  
O tijolo pequenino,  
Embora a modéstia enorme,  
É retângulo divino.

Saiu da lama humilhada,  
Foi pisado de aspereza,  
Foi queimado, mas agora  
É base de fortaleza.

Apesar da pequenez,  
É a nota amiga e segura,  
Que constrói bondosamente  
A casa da criatura.

É a bênção, filha do pó,  
Que as fornalhas não consomem,  
É terra purificada,  
Servindo de abrigo ao homem.

Procura, amigo, entender  
Este símbolo profundo:  
Não te esqueças do trabalho  
Na olaria deste mundo.

\*

Tão logo purificares  
O barro inferior do mal,  
A experiência é o tijolo  
Em tua casa imortal.

## O TRONCO E A FONTE

Casimiro Cunha

Um tronco frondoso e verde  
Erguia-se além da fonte.  
Perto, o solo pobre e seco,  
Longe, as luzes do horizonte.

Certo dia, disse a fonte:  
- Dá-me a sombra de teu galho,  
O duro chão me consome,  
Dá-me teu brando agasalho!...

Respondeu-lhe o tronco antigo:  
- Vem a mim! Serei feliz!...  
Serás a seiva da seiva  
Que me alimenta a raiz.

Desde então, o tronco e a fonte  
Uniram-se a plena luz  
Da grandeza que dimana  
Da bondade de Jesus.

O tronco reconheceu,  
Vibrando de terno amor,  
Que a fonte era a mãe bondosa  
De sua seiva interior.

E a fonte viu nele o pai  
De sua imensa alegria,  
Repousando em sua paz  
Nas lutas de cada dia.

Desde então, cantaram hinos  
De hosanas ao criador,  
Entre frutos dadivosos  
Na estrada cheirando à flor.

À raiz, a água da vida  
Levava consolação;  
E o tronco elevou-se ao Céu  
Com a fonte no coração.

Houve sol e sombra amiga,  
Flor e frutos na ramagem;  
Cantigas de passarinho,  
Harmonizando a paisagem.

\*

Duas almas que se irmanam  
Na luz dos afetos seus,  
São esse tronco e essa fonte  
Guardados no amor de Deus.

**O VAU**

**Casimiro Cunha**

Por benfeitor venerável,  
No seio da natureza,  
Rola o rio caudaloso  
Escondendo a profundidade.

Enquanto busca reserva,  
Guardando seu próprio leito,  
Ninguém se arrisca à passagem  
Sem cuidado e sem respeito.

O rio jamais se nega  
A ceder na travessia,  
Mas todos se acercam dele  
Com a máxima cortesia.

Socorrem-se os viajantes  
Do auxílio de embarcação,  
E espera-se a ponte amiga  
Como justa construção.

Mas, se um dia, por descuido,  
O rio apresenta o vau,  
Ai dele! O destino agora  
É triste, amargoso e mau.

Ninguém lhe receia as águas  
Noutro tempo respeitadas;  
Invadem-nas cavaleiros,  
Carros, toras e boiadas.

As correntes que eram puras,  
E amadas por justa fama,  
Rolam sujas e insultadas  
De lodo, de lixo e de lama.

A ponte dorme em projeto  
E o rio, embora a beleza,  
Depois que exibiu o vau,  
Nunca mais teve defesa.

As nossas almas também  
São como o rio profundo...  
A zona de intimidade  
Precisa ocultar-se ao mundo.

\*

O mal quer turvar-nos sempre.  
Vigia, resiste e vence-o.  
Se queres respeito e paz,  
Não te esqueças do silêncio.

## O VENTO

**Casimiro Cunha**

Quando passes no meu caminho  
Dando luz ao pensamento,  
Não deixes de meditar  
Na doce missão do vento.

Quem lhe imprimiu tanta força?  
Donde vem? De que maneira?  
Parece o sopro do céu  
Alentando a sementeira.

Une as frondes amorosas,  
Acaricia a ramagem,  
É um fluido caricioso  
Amenizando a paisagem.

É o mensageiro bondoso  
Da alegria e da abundância,  
Trocando os germes da vida,  
Vencendo a noite e a distância.

De outras vezes é um amigo  
Com fraternas exigências,  
Que pratica nos caminhos  
Profundas experiências.

Se a flor é infiel à seiva  
Que lhe deu força e guarida,  
O vento condu-la ao chão,  
Só deixando a flor da vida.

Seu papel na natureza  
Vai da vida à seleção,  
Permutando os germes puros  
Das sementes de eleição.

Também, na vida da Terra,  
A função do sofrimento  
Parece identificar-se  
Com os fins da missão do vento.

Troca ele as nossas almas,  
Mata as flores da ilusão,  
Refunde os nossos valores  
Em nova fecundação.

\*

O turbilhão de amargores  
É mais vida envolta em véus  
Povoando a nossa estrada  
Com os germens da luz dos céus.

## O VÔO

**Casimiro Cunha**

Aos que aprendem no silêncio,  
Sem sombras e sem entraves,  
Há sempre grandes lições  
No vôo comum das aves.

Todas elas têm nas asas  
Um dom formoso e excelente,  
Mas cada grupo utiliza-o  
De maneira diferente.

Recordemos que a avestruz,  
Exemplo que mais destoa,  
É a maior das grandes aves,  
Muito bela, mas não voa.

As galinhas igualmente,  
Queridas e admiradas,  
Se voam alguns segundos,  
Caem trêmulas, cansadas.

Os patos, perus e gansos,  
De grande conformação,  
Toleram somente os vôos  
Que as arrastem junto ao chão.

Os corvos pairam no alto,  
Mas o abutre da preguiça  
Aproveita a elevação  
Para a busca de carniça.

As andorinhas, porém,  
Librando no azul da esfera,  
Esquecem o inverno e a lama,  
Procurando a primavera.

## OS ANIMAIS

**Casimiro Cunha**

Na casa da Natureza,  
O Pai espalhou com arte  
As bênçãos de luz da vida,  
Que brilham em toda a parte.

Essas bênçãos generosas,  
Tão ricas, tão naturais,  
São notas de amor divino  
Na esfera dos animais.

Não te esqueças: no caminho,  
Praticando o bem que adores,  
Busca ver em todos eles  
Os nossos irmãos menores.

A Providência dos Céus  
Jamais esquece a ninguém;  
Deus que é Pai dos homens sábios,  
É Pai do animal também.

A única diferença,  
Em nossa situação,  
É que o animal não chegou  
Às vitórias da Razão.

Entretanto, observamos  
Em toda a sua existência  
Os princípios sacrossantos  
De amor e de inteligência.

Vejamos a abelha amiga  
No grande armazém do mel,  
A galinha afetuosa,  
O esforço do cão fiel.

O boi tão útil a todos,  
É bondade e temperança;  
O luar de força hercúlea  
Obedece a uma criança.

Ampara-os, sempre que possas,  
Nas horas de tua lida.  
O animal de tua casa  
Tem laços com tua vida.

\*

A lei é conjunto eterno  
De deveres fraternais:  
Os anjos cuidam dos homens,  
Os homens dos animais.

## OS CAMINHOS

**Casemiro Cunha**

O caminho mais humilde,  
Seja na vila ou na serra,  
E' convite carinhoso  
Que o Pai traçou sobre a Terra.

Qualquer estrada do mundo  
E' sugestão de bondade,  
Por trazer às criaturas  
Os bens da fraternidade.

E' a chave silenciosa  
Das mais belas ligações,  
Que aproxima os interesses  
No elo dos corações.

A avenida na cidade,  
Em luz quente, clara e viva,  
E' chamamento mais forte  
Para a união coletiva.

Se o caminho é do trabalho  
No labor do ganha-pão,  
E' trilho amado e bendito  
De muita satisfação.

Se é traço rude e singelo,  
Aberto no campo em flor,  
Abre acesso à Natureza –  
A eterna mestra do amor.

Há caminhos para o templo,  
Para o lar, para a oficina,  
Todos eles são recursos  
Da Providência Divina.

A excelsa sabedoria  
Jamais esqueceu ninguém,  
Dispondo todas as sendas  
Para a luz e para o bem.

Somente o homem da Terra,  
Na ambição negra e fatal,  
Abusa dos dons do Céu,  
Caminhando para o mal.

\*

Ditoso quem reconheça  
Em toda estrada uma luz,  
Quem conduz à claridade  
Do Caminho, que é Jesus.